



(RE)VIVER O CENTRO

Intervenção no Centro Histórico de São José

CADERNO DE TCC2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
INTRODUÇÃO AO PROJETO DE GRADUAÇÃO
GRADUANDA: RAFAELA LAZZARI DE AMORIM
ORIENTADOR: RICARDO SOCAS WIESE



“O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo.”

(HEWINSON. 1987, apud HARVEY. 1993, p. 85)



SUMÁRIO

1.0. APRESENTAÇÃO

Tema	08
Motivações	08
Objetivos	08

2.0. CONTEXTUALIZAÇÃO

A Cidade	10
Inserção Metropolitana	10
Aspectos Internos	11
Contexto Histórico	12
Expansão Urbana	14
Uma nova relação com a capital	14
Os conjuntos habitacionais	14
O Kobrasol e uma nova centralidade	15

3.0. PROBLEMÁTICA

Declínio e transformação	17
A recuperação e projetos propostos	19

4.0. ÁREA DE INTERVENÇÃO

O Imaterial do Centro Histórico	22
Apresentação do recorte e contextualização	23
Conexões Urbanas	27
O plano diretor	28

5.0. LEITURA DO ESPAÇOS

Hierarquia das vias	34
Cheios e Vazios	33
Gabarito	35
Uso do Solo	36
Equipamentos Culturais	37
Patrimônio Arquitetônico	38
Edificações abandonadas e vazios urbanos	39
Diagnóstico	40

6.0. PROPOSTA

Diretrizes e Programa	45
Centralidade	46
Intervenção Urbana	4
Os Equipamentos	56

7.0. REFERÊNCIAS



1.0. APRESENTAÇÃO

TEMA

Requalificação do Centro Histórico de São José.

MOTIVAÇÕES

Como moradora de São José percebi que vivia muito mais o município de Florianópolis do que minha própria cidade, frequentando a capital diariamente a trabalho e estudos desde adolescência me dei conta que na das horas vagas de lazer o destino permanecia o mesmo na maioria das vezes. Essa constatação me levou a perceber que havia um certo desapego em relação a São José, falta de se apegar e se sentir pertencente aos espaços e convidada a vive-los, uma comum moradora se apropriando da cidade apenas em sua "famosa" função de cidade dormitório. Esse distanciamento gerou um sentimento de carência por apropriação das áreas urbanas próximas a mim.

Durante o processo de escolha do tema através de conversas com conhecidos e também residentes do município percebi que esse era um sentimento comum em grande maioria das vezes.

As percepções pessoais com a vivencia na cidade somadas a afeição por sítios históricos me trouxe o interesse no Centro Histórico de São José. A partir disto nasce a busca por compreende-lo historicamente, o seu significado na a escala da cidade e o processo de esquecimento e abandono para que possa intervir de modo a resgatar traços da memória e identidade josefense o tornando novamente uma referencia para a população a atraindo para vivenciar seus espaços de lazer e culturais.

OBJETIVOS

Esse trabalho objetiva propor diretrizes de intervenção no bairro Centro Histórico na escala da sua centralidade e lançamento de projeto para requalificação das suas praças centrais de modo a melhorar os espaços públicos e intensificar a relação com seu entorno imediato e a paisagem. Para completar o conjunto de intervenções é proposto um ensaio de implantação de dois equipamentos culturais e de lazer de forma a diversificar e dinamizar o movimento local e atração da população de volta ao seu centro. Tais propostas visam o transformar novamente em ponto de referência na escala da cidade de modo a resgatar traços da memória e identidade josefense possibilitando a retomada da sua identificação e apropriação dos seus espaços pela população.



2.0. CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1. A CIDADE

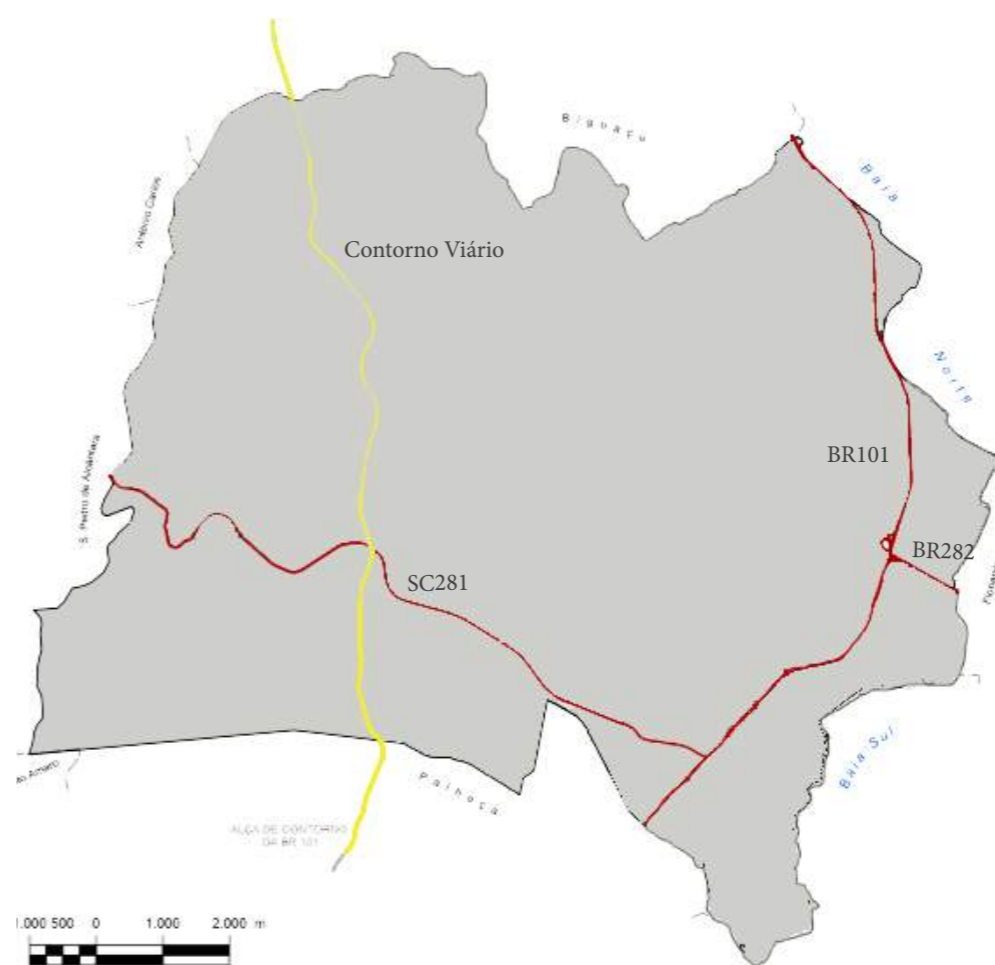
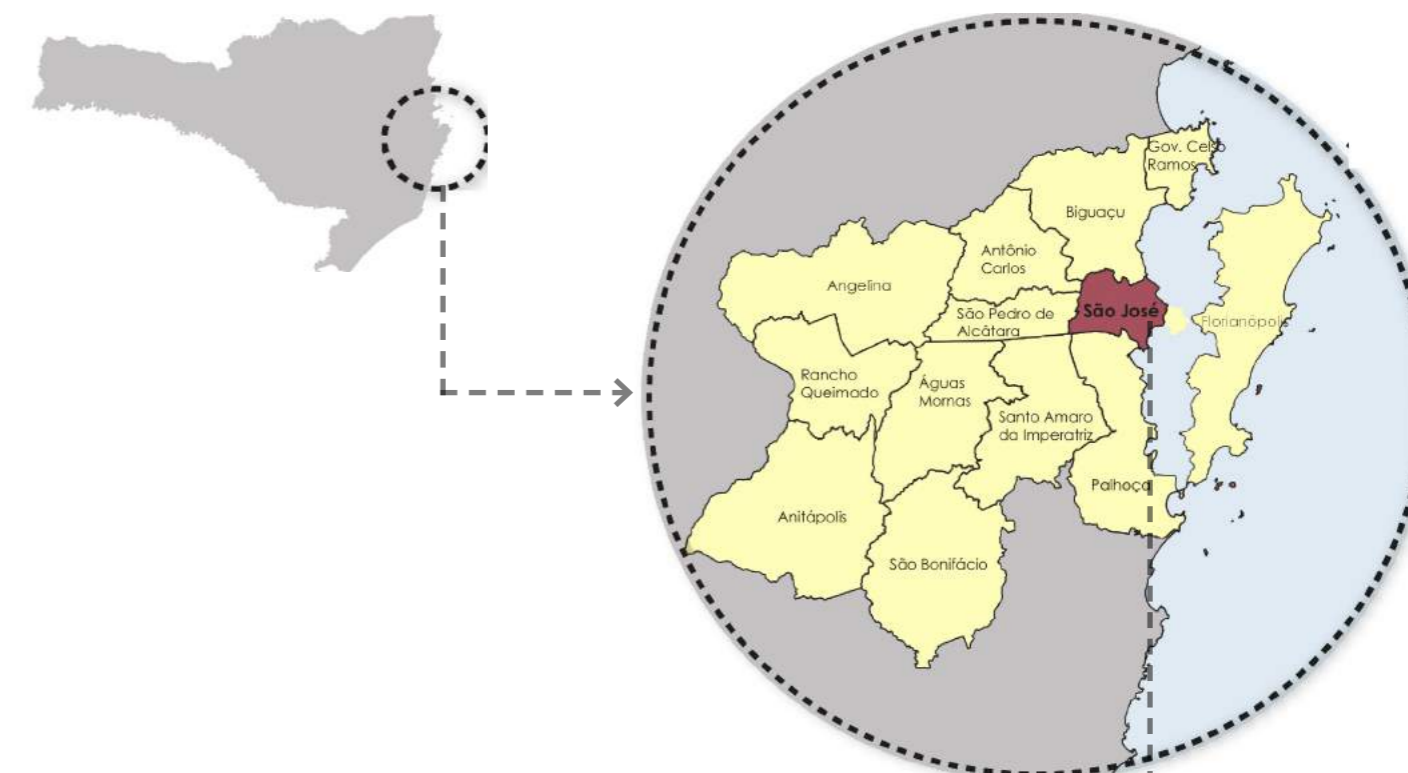
INSERÇÃO METROPOLITANA

São José é um município catarinense com extensão territorial 150,453 km² situado na área central do litoral do estado (IBGE, 2017). Pertence a região da Grande Florianópolis da qual fazem parte os municípios de Águas Mornas, Angelina, Anitápolis, Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Palhoça, Rancho Queimado, Santo Amaro da Imperatriz, São Bonifácio, São José e São Pedro de Alcântara (Plano Municipal de Habitação de Interesse Social do Município de São José, 2011 pág. 45).

Seus limites territoriais são: ao Norte com Biguaçu, ao Sul com Palhoça e Santo Amaro da Imperatriz, à Leste com Florianópolis e as baías Norte e Sul, e a Oeste com Antônio Carlos e São Pedro de Alcântara.

Sua proximidade com a capital, sendo o único município a ter limites terrestres com Florianópolis, o coloca numa posição estratégica e condicionante na escala metropolitana que o torna área importante no núcleo conurbado da região metropolitana. Essa característica particular será determinante na sua ocupação urbana e economia desde sua formação, sua expansão urbana e situação atual. Além de ser o único a ter divisa direta com Florianópolis também é o único a ter fronteiras com as demais cidades do núcleo conurbado, Biguaçu e Palhoça, isso o transforma em um nó urbano (SUGAI, 2002).

Outro fator importante do município nessa centralidade é a sua característica de conexão. Sendo cortado pela BR 101 no sentido Norte – Sul, importante eixo rodoviário do país, através deste se conecta diretamente com as cidades e Norte e Sul do estado com Florianópolis, também dando acesso às BR 282 e a SC281 faz a ligação as cidades oeste e serra catarinense com a capital. Além das já existentes ligações o município vai receber nova intervenção rodoviária, o contorno do anel viário da região metropolitana, que visa desafogar o trânsito pesado da BR 101 cortará o município em toda sua extensão (OTTO, 2016). O projeto de 50 km de extensão ligará Biguaçu à Palhoça e já apresenta 70% da obra concluída no final de 2017 (reportagem G1 Santa Catarina).



Esquema de aproximação - Estado - Região Grande Florianópolis - Município de São José e principais eixos rodoviários. (Fonte: diagramação autoral.)



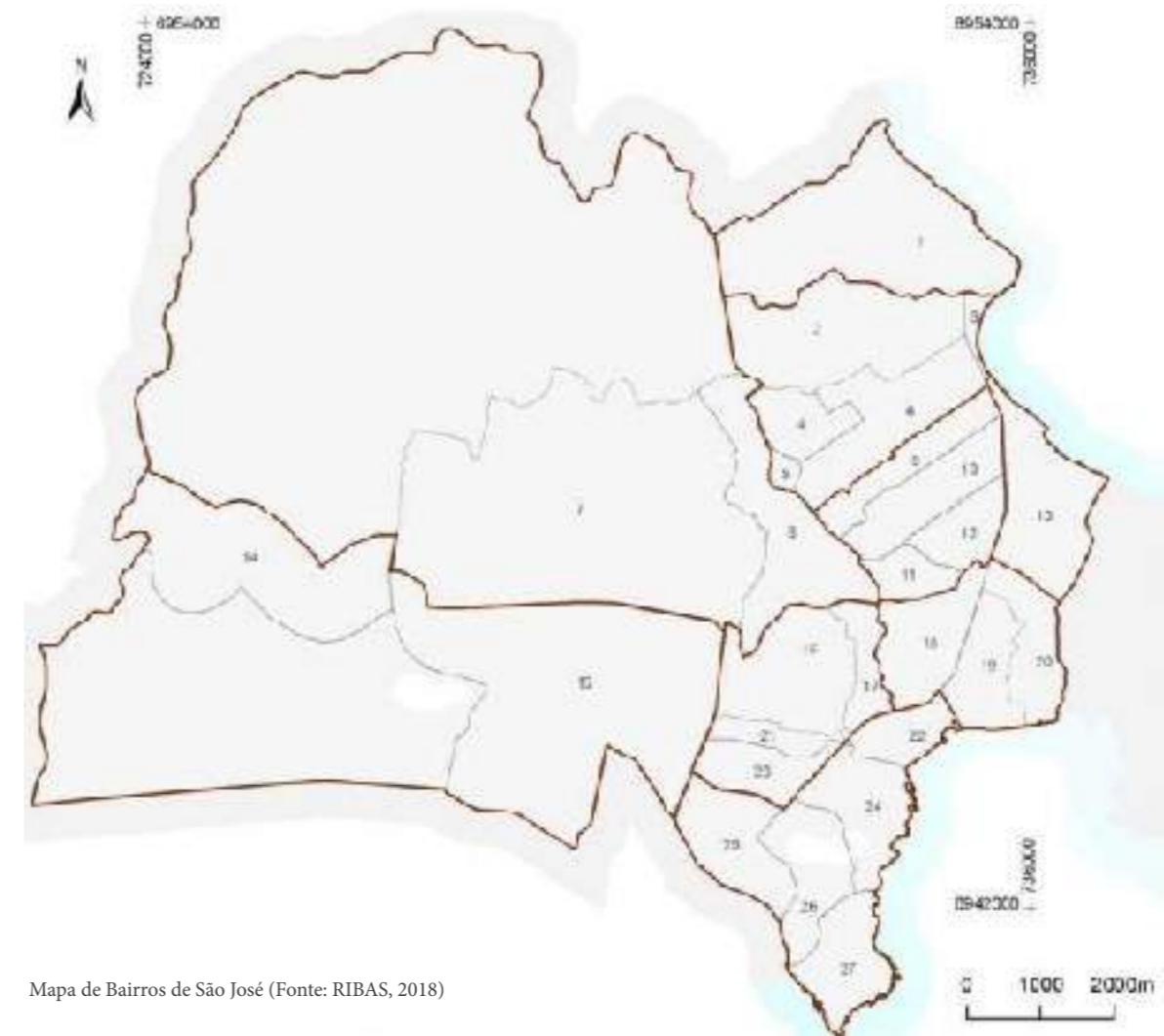
Sem escala

2.1.2. ASPECTOS INTERNOS

Segundo o último censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2010 São José apresentava uma população de 209.804 habitantes sendo que 98,81 (207.312 habitantes) se encontram em área urbana e menos de 2% na área rural. Para o ano de 2017 foi estimado o número populacional de 239.718.

O território josefense se divide em um total de 27 bairros contidos em 3 distritos, Campinas, Barreiros e Distrito Sede, sendo que os bairros mais populosos ficam à margens da BR 101.

A economia tem como base principais o comércio, prestação de serviços e o setor industrial, mas ainda se encontra pesca artesanal, maricultura, produção de cerâmica utilitária e agropecuária como atividades geradoras de renda. (RIBAS, 2018).



Mapa de Bairros de São José (Fonte: RIBAS, 2018)

BAIRRO	POPULAÇÃO (2010)	BAIRRO	POPULAÇÃO (2010)
1 Serraria	25828	15 Sertão do Maruim	4529
2 Areias	11588	16 Forquilhas	13803
3 Jardim Santiago	809	17 São Luiz	1059
4 Real Parque	7105	18 Roçado	5001
5 Pedregal	839	19 Kobrasol	12721
6 Ipiranga	14139	20 Campinas	13272
7 Forquilhas	16796	21 Fior de Nápolis	3743
8 Poteças	5724	22 Praia Comprida	4985
9 Cidade Jardim Florianópolis	5796	23 Picadas do Sul	3833
10 Bela Vista	10076	24 Sede Centro	2992
11 Bosque das Mansões	903	25 Distrito Industrial	86
12 Nossa Senhora do Rosario	7882	26 Fazenda Santo Antônio	6610
13 Barreiros	19638	27 Ponta de Baixo	2156
14 Colônia Santana	3515		

Fonte: RIBAS, 2018

2.2. CONTEXTO HISTÓRICO

2.2. CONTEXTO HISTÓRICO

A história urbana de São José da Terra Firme é contada a partir de 1750, considerando sua fundação em 26 de outubro deste ano com a chegada de 182 casais de açorianos. Estes por sua vez se instalaram com núcleo fundacional numa pequena enseada na baía sul, atual bairro centro histórico, além da parte litorânea ao norte e em seguida às proximidades do Rio Maruim e suas terras férteis.

A imigração alemã no século XIX transformou a região, trazendo maior dinâmica comercial e contribuindo para prosperidade da freguesia. A primeira colônia alemã do estado se instalou nos limites de São José em 1829 que viria futuramente se desmembrar e formar o município de São Pedro de Alcântara. Da mesma leva de imigrantes alemães algumas famílias viriam se instalar mais ao sul e desenvolveram o comércio na região do atual bairro da praia comprida (SILVA, 2006 pág. 37).

Em meados do século XX era possível notar maior concentração de atividades em três pontos que como descreve Tatiana em sua dissertação de mestrado (SILVA, 2006 pág.37);



Praça Hercílio Luz, 1921. (Fonte: GELARCH)

“Na atual Praia Comprida desenvolveu-se principalmente o comércio; No Centro Histórico concentravam-se os poderes administrativo, judiciário e legislativo, além da vida cultural; e na atual Ponta de Baixo a atividade poder-se-ia chama de “industrial” pois concentrava grande parte das olarias e caieras, além dos pescadores”

O comércio além da prosperidade econômica intensificou a relação com o mar, que além da já existente atividade pesqueira passou também a ter importante função de rota comercial com desterro. Tatiana ainda traz a citação de Paiva (1995, p76);

O desmembramento da capital ocorreu apenas em 1833 com São José sendo elevada de freguesia à Vila (Município) da qual faziam parte as freguesias de São José e Enseada do Brito. (SILVA, 2006)



Trapiche da Praia Comprida (Fonte: GELARCH)

Para entender a dinâmica do território e a importância da orla marítima josefense é necessário sobressaltar seus limites geográficos na época da sua origem. Além de ter a colônia alemã de São Pedro de Alcântara como já citado, São José fazia limites com Lages, fundado em 1767, “transformando a orla marítima de São José no ponto de baldeação que ligava Desterro ao planalto de Lages” (PELUSO JR. 1950, p. 42).)

Sua extensão territorial sua posição estratégica em relação a capital e o fato de estar posicionada numa enseada de boa profundidade para embarcações e suas conexões com o interior do estado a então Vila passa a ser um entreposto estratégico, se transformando num rico e diversificado local de encontros e trocas comerciais.

SILVA cita GERLACH; MACHADO (1982, n/p)

São José era nesse tempo, com uma extensão territorial enorme, um dos Municípios mais populosos e ricos da Província de Santa Catarina. Sua produção dava para o gasto e exportava café, tapioca, açúcar, lenha em achas, farinha de mandioca, cachaça e algodão. A cultura do linho, muito grande no século anterior, já nesta época desapareceria por completo. A cidade dispunha de um porto marítimo apreciável, “

Tal desenvolvimento e dinâmica urbana foram reconhecidos em 1856 quando a Vila foi elevada à Cidade, tendo sua economia já consolidada na década de 20. No mesmo período os bairros com maior desenvolvimento são Centro Histórico, Ponta de Baixo e Praia Comprida sendo estes os responsáveis pela intensa atividade portuária da cidade.(SILVA, 2006)

O grande desenvolvimento da cidade passaria a partir na próxima década por estagnação, declínio e reestruturação de seus limites. A partir de 1930 à 1960 Florianópolis e região sofre um período de estagnação diminuindo assim sua área de influência (SILVA, 2006 pág. 48).

São José passa por sua primeira reformulação territorial em 1894, Palhoça é elevada a Município. Em 1944 o município volta sofrer uma redução de seus limites, sendo esta a mais significativa, quando o Distrito de João Pessoa, atual bairro do Estreito é transferido à Florianópolis, a cidade perde então os abatedouros de gado instalados na região e com essa mudança deixa de contar uma de suas principais fonte de renda rendas. A partir de desmembramentos de São José também se originaram os municípios de Angelina em 1961, Rancho Queimado 1962 e por último em 1995 São Pedro de Alcântara chegando então à configuração atual de seus limites. (SUGAI, 2002, pág.38)

No entanto, o principal fator para reestruturação urbana seria a construção da Ponte Hercílio Luz que veio a ser em 1926 a primeira ligação viária entre a Ilha de Santa Catarina e o continente, marcando assim o foco rodoviário instaurado no período. A ligação rodoviária viria competir diretamente com a conexão marítima e atividade portuária exercida até então, desestabilizando a economia e desviando o foco do crescimento urbano no centro, processo esse que se intensifica com a construção da BR 101.



Mapa dos limites de São José de 1833 a 1894. (Fonte: Caderno de TCC1 - Jéssica Cardoso dos Santos)

2.3. EXPANSÃO URBANA

O processo de expansão urbana de São José ao contrário de muitas cidades não se deu a partir do crescimento do seu núcleo original (SILVA 2006) , mas sim baseado em sua relação com Florianópolis, sua função na escala metropolitana e intervenções imobiliárias. Essa reestruturação na urbanização levou a um processo de distanciamento do seu centro fundacional, tanto por parte da população quanto dos investimentos públicos.

2.3.1. UMA NOVA RELAÇÃO COM A CAPITAL

Desde sua origem São José teve sua formação urbana relacionada com sua posição em relação à Florianópolis. O fato da capital ser situada numa ilha determina até então a relevância do transporte marítimo e as atividades portuárias para se relacionar com as cidades vizinhas e o restante do estado. Essa conexão marítima influenciou tanto economicamente quanto na ocupação espacial de Desterro e seu entorno, principalmente São José pela proximidade.

A mudança na forma de ocupação tem início na década de 20 pela construção da Ponte Hercílio Luz . Essa transição gera então uma independência das rotas comerciais e transporte em relação a orla marinha que repercute numa crise interna na economia e na valorização de novas áreas da cidade mais próximas ao novo acesso a ilha além da estagnação de seu centro histórico. Com a economia enfraquecida e por sua localização a cidade passa por um processo de periferização e transbordamento da população pobre de Florianópolis para São José ocupando principalmente as áreas próximas ao grande eixo rodoviário - BR 101- que se conectava à capital. (SUGAI, 2002. pág. 57)

Na década de 70 a escala metropolitana da cidade intervém novamente em sua ocupação e economia com a criação do Plano de Desenvolvimento Integrado da Grande Florianópolis (PDI) que tinha como objetivo a transformação da capital em uma metrópole e pólo de desenvolvimento. Com esse plano de integração entre os municípios da região metropolitana coube a São José a função de absorver as atividades industriais e assim adequar o espaço urbano de Florianópolis para as atividades turísticas. O setor industrial se torna a base econômica do município e age como mais um polo atrator de mão de obra e população de classes menores para seu entorno próximo à BR. (SUGAI 2002)

2.3.2. OS CONJUNTOS HABITACIONAIS

Além do transbordo da população de Florianópolis a década de 60 foi marcada pela pressão do capital imobiliário e grandes intervenções próximas à BR 101 e BR 282 a Florianópolis, os grandes pontos de escoamento de trabalho e consumo ao tempo que o déficit habitacional no Brasil toma status de crise. No estado de Santa Catarina em 1965 é criada a Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina (COHAB/SC) . A COHAB/SC foi responsável por 12 projetos executados o município destes merecem destaque parte dois grandes conjuntos que fazem parte dos atuais bairros Bela Vista e Forquilha. (SILVA, 2006)

O Conjunto Habitacional Bela Vista iniciou sua implantação no ano de 1969 nas áreas rurais mais próximo da urbanização já existente de barreiros e estreito além de ser próximo a BR101 que na década de 70 já se apresentava concluída na região.

O segundo maior aglomerado de habitações populares passa a ser implementado no ano de 1981 com os Conjuntos Habitacionais Arthur Mariano, com 251 unidades e Picadas do Norte, com 250, formaram, juntamente como o Forquilha totalizando 1.187 unidades. A localização deste foi no entanto mais periférica, segundo a própria COHAB/SC a escolha dos terrenos se deu pelo baixo valor resultando então na locação de terras alagáveis e mais distante da urbanização porém próximo à BR101 garantindo acesso à capital. Em torno de ambos os complexos habitacionais, Bela Vista e Forquilha, houve uma gradual ocupação com surgimento de diversos loteamentos. Com o aumento da urbanização tais bairros passam a funcionar como mini centros cada um com sua área de influência em relação às comunidades vizinhas. Essas subcentralidades cessam a necessidade de deslocamento até bairros próximos e ocupados, como a Praia Comprida e o Centro Histórico diminuindo sua área de influência.

2.3.3. O KOBRASOL E UMA NOVA CENTRALIDADE

Na década de 70 o capital imobiliário e iniciativas privadas foram determinantes na configuração atual da cidade e sua dinâmica urbana.

Em 1975, as empresas Koerich S/A Indústria e Comércio, Madeireira Brasilpinho e Cassol S/A Indústria e Comércio, uniram-se para lotear o Distrito de Campinas, e criaram a Kobrasol Empreendimentos Ltda. O loteamento teve seu lançamento no ano de 1977 se tornando um dos primeiros bairros formado pela iniciativa privada com foco na ocupação pela classe média alta e valorização do solo urbano. (SILVA, 2006.)

Fortalecendo o projeto do capital privado houve um visível interesse público em transformar a área numa centralidade municipal. O processo de expansão vertical já é visível em 1982 transformando a paisagem urbana no mesmo ano em que é lançado o primeiro grande empreendimento privado da cidade, o Shopping Itaguaçu. No ano de 1985 é lançado o plano diretor classificando a região como Área Mista Central (AMC) elevando o gabarito e ampliando atração de investimentos privados.

Nos anos 90 novamente o poder público contribui para a valorização da região, o distrito de Campinas em áreas adjacentes ao loteamento kobrasol é escolhido para receber novas estruturas administrativas e investimentos públicos. A localidade recebe então o centro administrativo e fórum municipal além do projeto da Avenida Beira Mar Continental assim privilegiando todo distrito de Campinas. Tais intervenções contribuíram para a posição de centralidade do Kobrasol fosse confirmada, tanto no nível econômico, quanto político-institucional (SILVA, 2006).



Vista aérea do conjunto habitacional Bela vista e entorno. Década de 1970. (Fonte: SILVA, 2006)

Imagem do Conjunto Habitacional Bela Vista década de 70 e sua proximidade com a BR 101. A imagem mostra imensa semelhança com os conjuntos atuais construídos através do programa Minha casa Minha vida em Palhoça, sendo ilhas de habitação isoladas do contexto conectadas apenas por uma via principal. Pode se concluir que em 40 anos pouco se evoluiu em habitação popular no Brasil.



Vista do Centro Histórico e o Distrito de Campinas ao fundo, em 1996. (Fonte: SILVA, 2006)



3.0. PROBLEMÁTICA

3.1. DECLÍNIO E TRANSFORMAÇÃO

Atualmente o centro histórico de São José sobrevive como símbolo do surgimento da cidade. Nele apenas marcas de uma urbanidade já inexistente e memória de um lugar no qual era o grande ponto de encontro e trocas da cidade, onde São José viveu seu auge cultural e hoje se encontra esvaziado de pessoas.

O distanciamento da população josefense de seu núcleo original foi em boa parte consequência do seu processo de expansão urbana. A partir da década de 30 com a estagnação econômica e a valorização de novos eixos da cidade o centro já apresenta um declínio populacional enquanto durante a década de 60 têm o surgimento de subcentralidades nos conjuntos habitacionais diminuía sua área de influência sobre as regiões próximas. O enfraquecimento de seu centro somado ao investimento financeiro particular na década de 80 e 90 com grandes incentivos municipais suscita na origem e fortalecimento do que viria a ser a maior referência de centralidade urbana para São José, nos bairros Kobrasol e Campinas, e os maiores pontos de atração da população.

Enquanto uma nova centralidade municipal é incentivada e fortalecida seu centro original é tratado de forma questionável pela municipalidade e sofre intervenções que geram grande impacto na interação com os espaços públicos. Na década de 70 o Centro Histórico sofreu com o que talvez tenha sido as duas intervenções de pior impacto na sua estrutura; a construção do prédio em que hoje abriga a Câmara de Vereadores, antiga

prefeitura, e o ginásio de esportes. O edifício da Câmara foi construído onde originalmente era Campo do Ipiranga, campo de futebol localizado entre a Praça Hercílio Luz e o mar, próximo ao trapiche. Com essa primeira intervenção já há a descaracterização do espaço urbano de origem portuguesa com seu eixo igreja praça e mar além da quebra de sua relação com a orla e eixo visual interrompido, onde antes era espaço público de intenso convívio hoje se torna fundos de prédio. Em 1976 com a justificativa de devolver à população a área de esportes perdida a prefeitura construiu o ginásio de esportes ocupando boa parte da praia adjacente e encobrindo mais o contato com a orla (SILVA, 2006). Duas intervenções municipais inconsequentes mudou drasticamente a forma como o espaço era apropriado. Para fechar o período de transformações somando as duas obras municipais temos a privatização de parte da faixa litorânea, privatização da área pública ao lado do Teatro Municipal destinada ao uso comercial e residencial (SILVA, 2006). Novamente a prefeitura age de forma a menosprezar e diminuir o espaço público e vivência urbana. Incluído nas transformações urbanas da época a tradição e o imaterial também sofreram interferências quando em 1977 a procissão Senhor do Bonfim, o segundo maior evento religioso da região, tem sua data transferida de 1º de janeiro para novembro perdendo o significado para parte da população. (SILVA, 2006. pág. 103)



Vista aérea do Centro Histórico com o prédio da Câmara dos Vereadores em construção. Data estimada 1974 (Fonte: SILVA, 2006)





Vista do Centro Histórico a partir do mar em 2001. Notar o impacto na paisagem do Ginásio de esportes e o prédio da Câmara dos vereadores. (Fonte: SILVA, 2006)

ESQUEMA DE FLUXOS NA RUA GASPAR NEVES.



Esquema de Fluxos na Rua Gaspar Neves.. (Fonte: Elaboração própria, imagem base utilizada: Google Earth)

LEGENDA

-  Fluxo final da Av. Presidente Kennedy sentido bairro Ponta de Baixo e Palhoça.
-  Fluxo de Palhoça e bairro Ponta de Baixo sentido Av. Acioni Souza Filho - Beira Mar - em direção à Florianópolis

A região volta a ter intervenções negativas com a a Beira Mar de São José na qual surge o projeto de aterro para a orla histórica. Apesar da proposta ter sido modificada, graças à ação judicial a pedido da população (motivo da qual surge a associação dos moradores em defesa da orla histórica e contra o aterro) , a implantação da mesma em área adjacente gera consequências diretas. e a área passa a sofrer do impacto de deságue de uma Beira Mar de vias rápidas. A Rua Gaspar Neves no trecho entre a praça histórica Hercílio Luz e Praça Arnaldo de Souza é uma via de mão dupla de pistas simples, recebe o fluxo final da Av. Presidente Kennedy sentido bairro Ponta de Baixo e Palhoça e direciona o fluxo destes à Av. Acioni Souza Filho - Beira Mar - sentido Florianópolis. Sendo assim esta via recebe e direciona veículos para dois dos maiores pólos de trânsito da cidade essa característica a transforma em um segregador espacial entre as duas praças. Apesar da orla não ter sido aterrada o fluxo intenso da Rua Gaspar Neves unido à barreiras, em relação ao mar, faz com que a região mais próxima ao mar seja pouco apropriada por pedestres criando a segregação e o contraste entre duas partes da cidade que os aterros costumam acarretar.

A sua orla marítima tão relevante para a história da cidade e defendida em processo judicial ainda se encontra em estado de abandono. A maior parte das duas faixas de areia adjacentes ao núcleo histórico é tratada como fundos dos lotes e de forma geral estão quase escondidas, num primeiro trecho pelo Ginásio porte, que a torna insegura e pouco convidativa ao uso, chegando ao extremo em trechos de sua praia que só se tem visão através das construções particulares.

Décadas de intervenções que desvalorizaram os espaços públicos fizeram com que o Centro Histórico não fosse mais ponto de atração da população que vivenciou o enfraquecimento de sua identidade. A situação atual é de um centro esvaziado de pessoas, lotes vazios, edificações abandonadas, equipamentos culturais subutilizados que não conseguem por si só atrair novamente a população além de espaços públicos desconexos entre si e pouco qualificados consequentemente áridos e a presença predominante do automóvel em suas ruas.



Imagem obstrução da paisagem pelo ginásio - fonte google maps

3.3. A RECUPERAÇÃO - PROJETOS PROPOSTOS

Na última década a prefeitura tem mostrado interesse na recuperação de seu centro histórico e uma intenção do fortalecimento turístico para a região. Além da realização de eventos como a Feira da freguesia, que estimulam a visitação e atividades culturais, a prefeitura através da Fundação Municipal de Cultura e Turismo em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) promoveram no ano de 2014 um concurso de arquitetura de abrangência nacional cujo tema foi a Requalificação Urbanística do Centro Histórico de São José. De acordo com Elenita Gerlach Koerich, superintendente da Fundação de Cultura, "a revitalização arquitetônica e urbanística do Centro Histórico é só a primeira etapa de um processo de recuperação da relação de São José com sua história e com o mar." (site oficial da prefeitura) Em seu discurso o município traz a preocupação com a valorização do seu patrimônio e a recuperação da vivência com o mar, esta por sua vez aclamada pela população local que já havia defendido a preservação da orla contra o projeto da Beira Mar de São José e que a tanto tempo aguarda a reconstrução do trapiche perdido na década de 50. A programação do concurso apresenta aos candidatos um contorno de intervenção que conecta os espaços públicos relacionados ao seu patrimônio histórico com foco principal no núcleo central com a Igreja Matriz e a Praça Hercílio Luz.



Igreja Nossa Senhora de Fátima e Santa Filomena
(Fonte: Acervo digital da prefeitura disponibilizado para o concurso)



Bica da Carioca
(Fonte: Acervo Próprio)



Praça Arnaldo de Souza
(Fonte: Acervo digital da prefeitura disponibilizado para o concurso)



Igreja Irmandade Bom Jesus dos Passos
(Fonte: Acervo digital da prefeitura disponibilizado para o concurso)



LEGENDA

■ Área de intervenção proposta pelo concurso.

Trecho de intervenção do Concurso Nacional de Arquitetura para Requalificação Urbanística do Centro Histórico de São José. (Fonte: Diagramação autoral de acordo com material disponibilizado pela prefeitura no site oficial do concurso)

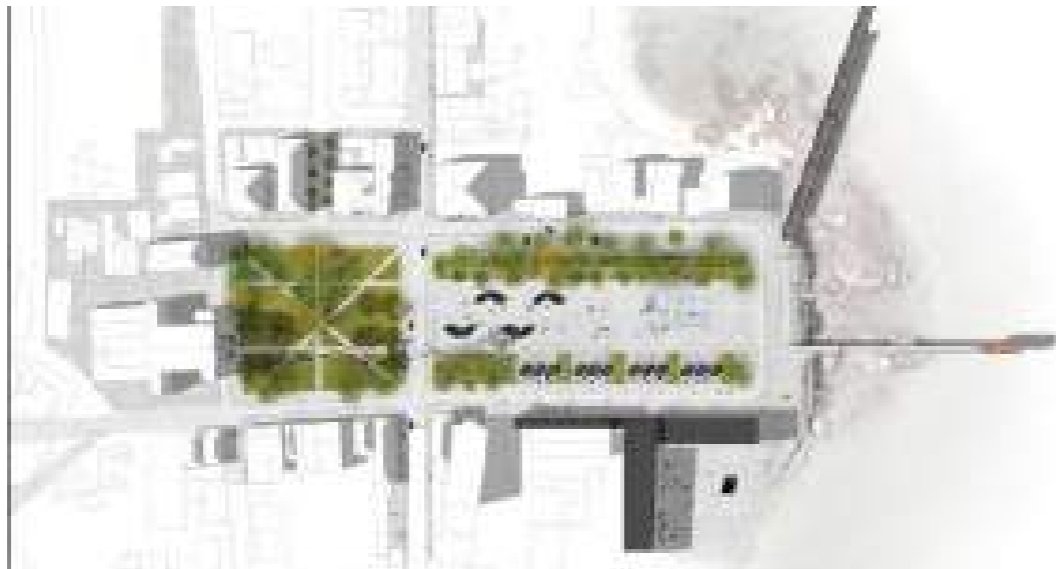


Imagem síntese da proposta vencedora do concurso. (Fonte: Pranchas da equipe vencedora disponibilizadas no site oficial do concurso)



Imagem síntese da proposta realizada pela equipe da 2ª colocação. (Fonte: Pranchas da equipe disponibilizadas no site oficial do concurso)



Imagem síntese da proposta realizada pela equipe da 3ª colocação. (Fonte: Pranchas da equipe disponibilizadas no site oficial do concurso)

Devido o foco do concurso ser o núcleo central com as praças Hercílio Luz e Arnaldo de Souza as três propostas vencedoras, apesar de distintas entre si, pouco ou nada valorizam a orla e trechos de praia adjacentes a tais praças. Um desperdício do potencial paisagístico, de criação ambientes de estar contemplativos e de certo ponto até contraditório vindo de soluções que visam conectar a cidade e o mar. Acredito que tal abordagem das equipes se deve a limitações para ser um projeto exequível à prefeitura sendo assim pouco intervindo nos lotes particulares. Seria possível, porém, minimizar os impactos uma vez que a retirada do ginásio de esportes foi unanime, mas em todos os casos o mesmo foi substituído pelo equipamento do mercado municipal de forma implantada algumas vezes quase tão prejudicial para a orla quanto ao ginásio existente.

O projeto vencedor orçado em 32,4 milhões virou notícia nos meios de comunicação como no Jornal Notícias do Dia com uma reportagem, em 2014 mesmo ano do resultado do concurso, na qual a atual prefeita Adeliara se compromete em fazer o projeto sair do papel. (Fonte: Noticias do site oficial da prefeitura)

Atualmente 4 anos depois foi um esquecimento de tais pretensões e a apresentação de um novo projeto por parte da prefeitura para revitalização da área. A nova proposta, completamente distante do idealizado em concurso, prevê restaurações pontuais; o beco da carioca, já finalizado em junho de 2018. As obras para a demolição do ginásio de esportes para construção de nova praça e o trapiche já foram inicializadas em dezembro de 2018.

EXPECTATIVA

X

REALIDADE



Imagens ilustrativas do projeto vencedor do concurso. (Fonte: Pranchas da equipe vencedora disponibilizadas no site oficial do concurso)



Imagem do projeto proposto pela prefeitura com previsão de início das obras em 2018. (Fonte: Reportagem RIC MAIS)



4.0. ÁREA DE INTERVENÇÃO

4.1. O IMATERIAL DO CENTRO HISTÓRICO

O Centro de São José foi palco de uma intensa vida cultural e urbana, principalmente nas décadas do seu auge econômico e enquanto sua posição de centralidade municipal ainda prevalecia. Sua economia baseada na atividade portuária, com a baldeação de produtos do interior do estado para a desterro, propiciava grande diversidade sendo ponto de parada e encontro para todos que destinavam à capital. A cultura popular se propagava através das sessões lotadas de cinema, das festividades religiosas, dos jogos de futebol à beira mar, dos encontros nos bares e cafés e nas apresentações teatrais e musicais, já para a elite participava dos luxuosos bailes nos casarões e no clube 1º de junho (SILVA, 2006. pág. 33).

Silva, em sua dissertação, indica alguns dos principais pontos de reuniões no centro da cidade; o Café Social, do Sr. Benjamin Gerlach que funcionava no seu sobrado onde atualmente está instalada a biblioteca municipal e o bar do saguão do Cine York eram atração tanto da elite quanto da população local. O cinema por sua vez foi ponto fundamental da cultura da cidade e chegou a funcionar por um período no casarão do teatro municipal. Através da história oral SILVA trás relatos de moradores antigos da região que nos traz a ideia de como o equipamento era vivenciado, ainda relata que de acordo com Osni Machado "sempre foi a diversão mais barato que o povo teve. Então aqui tivemos na década de 20, 30, 40." [...]

As pessoas vinham da Ponta de Baixo, da Praia Comprida, de diversos lados, mas sempre tinham que voltar a pé, e como não havia ônibus em dia de chuva eles não vinham aqui. E também tinha muita gente na época em que determinados artistas é que faziam o povo ir ao cinema. Então os filmes eram um pouco diferentes dos de hoje, eram mais aqueles filmes que a gente chamava de "capa e espada" que eram os espadachins, os faroestes. E tinha também muito filme de guerra, no pós guerra, né? O americano com a sua propaganda. Geralmente o soldado americano era o mocinho, nunca morria, a guerra sempre era fácil [...] e aos domingos era a matinê, aí tinham os famosos seriados que o pessoal acompanhava, passava por capítulos, passava às quartas feiras e domingos à tarde. Então sempre dava bastante gente [...]. (JOÃO JACÓ)

Na matinê também, outra coisa interessante aqui da minha época, coisa antiga que ficou muito gravado, foi quando eles inventaram a sessão das moças. Eles passavam filmes bem alegres, musicais ou filmes de comédia. Aí as moças pagavam - vamos dizer se custasse um real - a moça pagava 20 centavos, era alguma coisa assim. Então no dia de sessão das moças estava sempre cheio o cinema (risos), era um meio de atrair o pessoal. Florianópolis também tinha um dia que tinha sessão das moças. E todo o pessoal ia ao cinema, e depois era muito interessante, porque o cinema na época passou a ser um ponto de reunião das famílias. Não era que você ia só para ver o filme, era mais, porque era tudo família que ia assistir. São José era muito pequena, em número de população e as famílias iam e se encontravam no cinema. Era um meio de se reunir e conversar. (JOÃO JACÓ)



Bar Cine York, em 1925. (Fonte: SILVA, 2006)



Café Social, em 1930. (Fonte: SILVA, 2006)

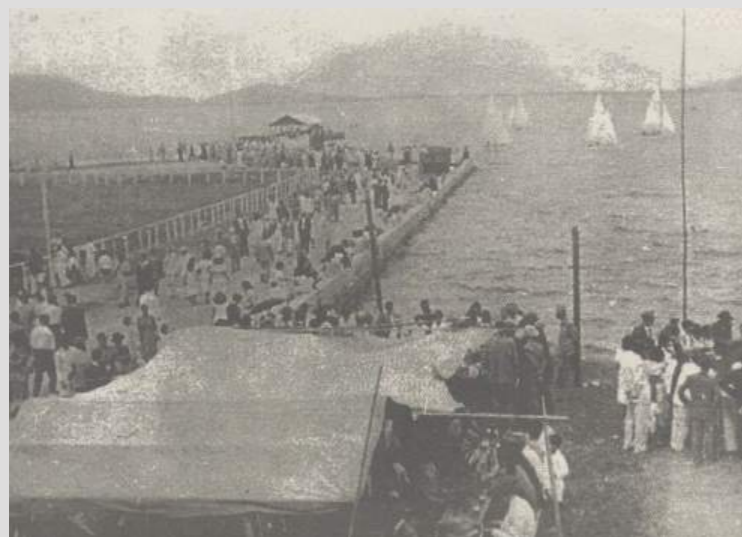
O teatro e as peças e grupos teatrais também foram representativos, o município teve seu teatro inaugurado dia 21 de junho de 1856, sendo um dos três mais antigos do estado, dia em que São José deixou de ser vila para ser considerada cidade. Em 1910 é criada a Liga Josephense, de fins religioso, social e recreativo que contava com grupo teatral "As filhas de Maria" responsáveis por diversas encenações teatrais e festas realizadas dentro e fora da cidade (SILVA, 2006. pág 111). A arte da música também se fez presente desde 1876 com a criação da banda Sociedade Musical Josefense presente com apresentações no coreto da Praça Hercílio Luz em todas as festividades. (SILVA, 2006. pág 120).

O teatro e as peças e grupos teatrais também foram representativos, o município teve seu teatro inaugurado dia 21 de junho de 1856, sendo um dos três mais antigos do estado, dia em que São José deixou de ser vila para ser considerada cidade. Em 1910 é criada a Liga Josephense, de fins religioso, social e recreativo que contava com grupo teatral "As filhas de Maria" responsáveis por diversas encenações teatrais e festas realizadas dentro e fora da cidade (SILVA, 2006. pág.111). A arte da musica também se fez presente desde 1876 com a criação da banda Sociedade Musical Josefense presente com apresentações no coreto da Praça Hercílio Luz em todas as festividades. (SILVA, 2006. pág. 120)

Além dos equipamentos os espaços públicos também eram dinâmicos e proporcionaram intensa vida urbana. Entre estes pode-se citar a bica da carioca, que fornecia água potável e era ponto em que se encontravam famílias josefenses, escaravas e lavadeiras, a Praça da Matriz com suas festividades, as praias, o campo de futebol próximo ao mar e o próprio trapiche foram referencias importantes. As praias do litoral sul, ainda não poluídas eram atração para as famílias, de acordo com SILVA "a praia em frente à Igreja Matriz, chamada de praia do Pires, ou prainha, e as chamadas furnas de Campinas eram locais de muitos piqueniques, conhecido também como convescotes"; o Campo do Ipiranga, onde hoje está locada a Câmara dos Vereados e Praça Arnoldo de Souza, era a atração aos domingos onde a população se reunia para ver as partidas de futebol próximo ao mar e o trapiche tão lembrado por sua importância comercial também era local de encontro das famílias e namorados e festividades como concentração de blocos no carnaval.

Apesar de todos os eventos e equipamentos listados terem participação significativa na cultura e vida social de São José foram as festividades do calendário cristão que tinham maior escala e paravam a cidade. Entre as maiores da época estão as procissões de Senhor Bom Jesus dos Passos, Nossa Senhora de Fátima e Santa Filomena e Senhor do Bonfim, sendo a do Bom Jesus dos Passos juntamente com a Festa do Divino consideradas atualmente como patrimônio imaterial de São José pela prefeitura (fonte: site oficial da prefeitura). Apesar de extinta a procissão do Senhor do Bonfim, e sua igreja permanecer na maior parte do tempo fechada dependendo de autorização para visitaçao (fonte: decreto de tombamento municipal), esse era um dos mais significantes eventos da cidade como traz SILVA em mais um relato de história oral.

As procissões aqui de São José sempre foram muito concorridas. Pela colonização açoriana, recebeu uma herança muito forte da religiosidade. A festa do Divino e as procissões eram feitas com toda a devoção, e um acompanhamento de pessoas que vinham de todos os lugares da redondeza [...] tanto a festa do Divino, a festa do Senhor dos Passos, e principalmente a Festa do Bonfim [...] era uma concorrência muito grande. Era uma verdadeira multidão que ficava aqui na Praça. Os ônibus das empresas, até a década de 60, faziam viagens extras, lembro de ver filas enormes de pessoas esperando os ônibus prá irem embora depois das procissões. O Senhor do Bonfim era a maior que tinha. Era uma tradição muito forte [...] era o supra sumo da religiosidade popular. [...] A população ficava até tarde, rezando, conversando com pessoas conhecidas [...] todas as pessoas ficavam esperando e preparando roupa nova para aquele dia. (OSNI MACHADO)



Dia de festa com os barcos a vela ao mar e o trapiche ao fundo. (Fonte: SILVA, 2006)



Família reunida no trapiche do Centro Histórico, anos 30. (Fonte: SILVA, 2006)



Procissão do Nosso Sernhor BomJesus dos Passos. Igreja Matriz ao fundo, 1929. (Fonte: SILVA, 2006)



Comércio de crêmica em frente ao Mercado Público de Florianópolis. Década de 1910. (Fonte: SILVA, 2006)

Os eventos, principalmente os religiosos, ao redor da praça da Matriz trazem à memória a figura dos ambulantes, também relatada por JACÓ, trazem a referência da tradição do comércio informal e da existência das feiras.

Mas nessas festas existia também - o que desapareceu - diversas pessoas que ficavam famosas pelos quitutes, os doces, as coisas que faziam. O bombocado, aqueles car-tuchos com amêndoa, doces, salgadinhos. Eles iam ali prá frente da Igreja e eles armavam não barraquinha, eram uns tabuleirozinhos, e o pessoal ia ali e comprava. [...] O pessoal ficava andando, e antes de começar as festas ficavam todos no Jardim. As moças andando e os rapazes olhando, começavam a namorar e aquelas coisas. Era interessante aquilo[...] (JACÓ DE SOUZA)

Outra atividade, desta vez de cunho comercial e artesanal, também considerada em pela prefeitura patrimônio imaterial de São José no ano de 2015 (fonte: site oficial da prefeitura), é a atividade de oleiro, foi a profissão mais significativa da cidade garantindo sustento de parte da população (SILVA 2006). A produção de peças utilitárias e decorativas tinha como destino principal a venda no Mercado Público de Florianópolis. A maioria das olarias se localizavam na Ponta de Baixo e tinham uma forte relação com a atividade pesqueira, sendo que muitas vezes os oleiros tinham as duas profissões, quase sempre eram locadas adjacentes à ranchos de pesca para facilitar o escoamento da produção. Apesar da também intensa atividade de pesca a colônia de pescadores daquela região foi fundada apenas em 1924. Apesar de ser patrimônio imaterial, atualmente, o ofício de oleiro se encontra quase extinto, na tentativa de se manter na memória a prefeitura cria em 1992 a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros, única em funcionamento na América Latina (fonte: site oficial da prefeitura).

Todos os eventos citados mostram um Centro Histórico completamente vivo completamente contrastante com a realidade atual. Dos relatos mencionados os cafés e bares históricos fecharam, a atividade de cinema local foi extinta, restando apenas os shopping center para recorrer, o teatro se encontra interditado e em reforma há anos, algumas profissões foram descontinuadas, a Bica da Carioca não fornece mais água e se tornou um espaço ocioso, se perdeu o trapiche e o campo de futebol próximo ao mar e as praias se encontram poluídas. Toda uma cultura e identidade da cidade sendo diluídas e perdidas

no tempo, se torna quase compreensível o esvaziamento e aridez de seu Centro Histórico. Talvez a maior ação da prefeitura, em resultados, de “reativar” o centro seja a Feira da Freguesia. O evento ocorre todo 2º domingo do mês funcionando das 11h às 18h e tem como objetivo, valorizar o espaço revitalizando o uso e promover potencial turístico (fonte: site oficial da prefeitura). A programação variada contempla desde feira de artesanato, gastronomia, visita guiada, apresentações musicais e de dança na praça, serve de atrativo para lazer de final de semana da população josefense e atrai inúmeros visitantes das cidades vizinhas. Apesar de ser um evento que tem boa aceitação, com grande público de visita, favorecendo a exposição da cultura e o próprio espaço do centro, o mesmo não garante a revitalização da área e não a coloca como rota de lazer no restante do mês.



**DIVIRTA-SE NO
CENTRO HISTÓRICO DE SÃO JOSÉ
TODO O SEGUNDO DOMINGO DO MÊS.**



Leitura para as crianças, biblioteca municipal durante a Feira da Freguesia. (Fonte: Acervo Próprio.)



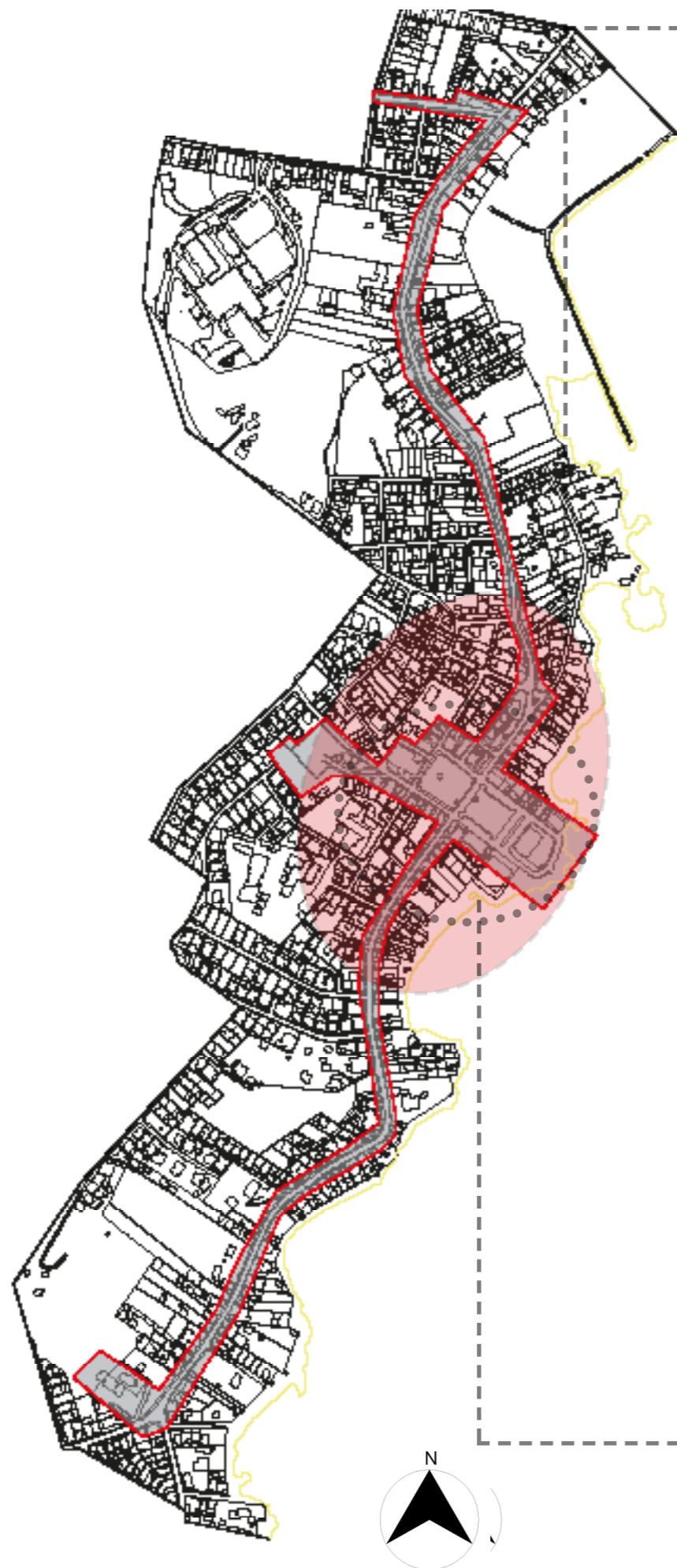
Vista externa da janela da Casa da Cultura para a praça Arnaldo de Souza à esquerda e Praça Hercílio Luz à direita. Evento Feira da Freguesia (Fonte: Acervo Próprio.)



Vista interna da Praça Hercílio Luz durante a Feira da Freguesia. (Fonte: Acervo Próprio.)



Vista da Igreja matriz para a Praça Hercílio Luz durante a Feira da Freguesia. (Fonte: Acervo Próprio.)



4.2. RECORTES DE INTERVENÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

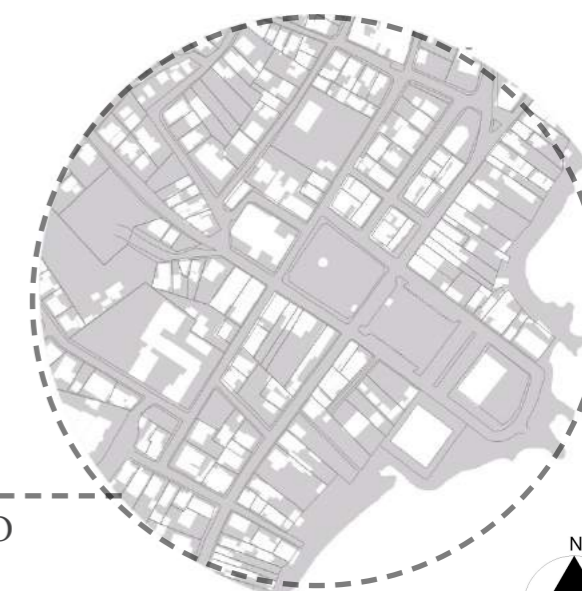
Considera-se o perímetro urbano lançado no edital do concurso como a área em que a prefeitura tem a intenção de intervir e requalificar, a partir deste trabalho se propõe a intervir no núcleo central por ser seu núcleo fundador, haver a maior concentração de espaços públicos, patrimônio arquitetônico e equipamentos públicos subutilizados. Acredita-se que as intervenções feitas nesse ponto central tenham maior potencial de se refletirem na dinâmica e revitalização urbana da área como um todo.

Tendo focado nas praças centrais e seu entorno imediato para lançamento de anteprojeto fez-se a segunda escala a ser estudada, a centralidade. O recorte da centralidade foi delimitado a partir da similaridade do conjunto urbano em seus usos, construções, relações com o espaço e aproximação com a área à receber a proposta. Dessa aproximação foi feito os levantamentos e análises para leitura do espaço e compreensão da vida urbana local além de propostas de alterações em seu fluxo viário e usos.

ÁREA DA CENTRALIDADE



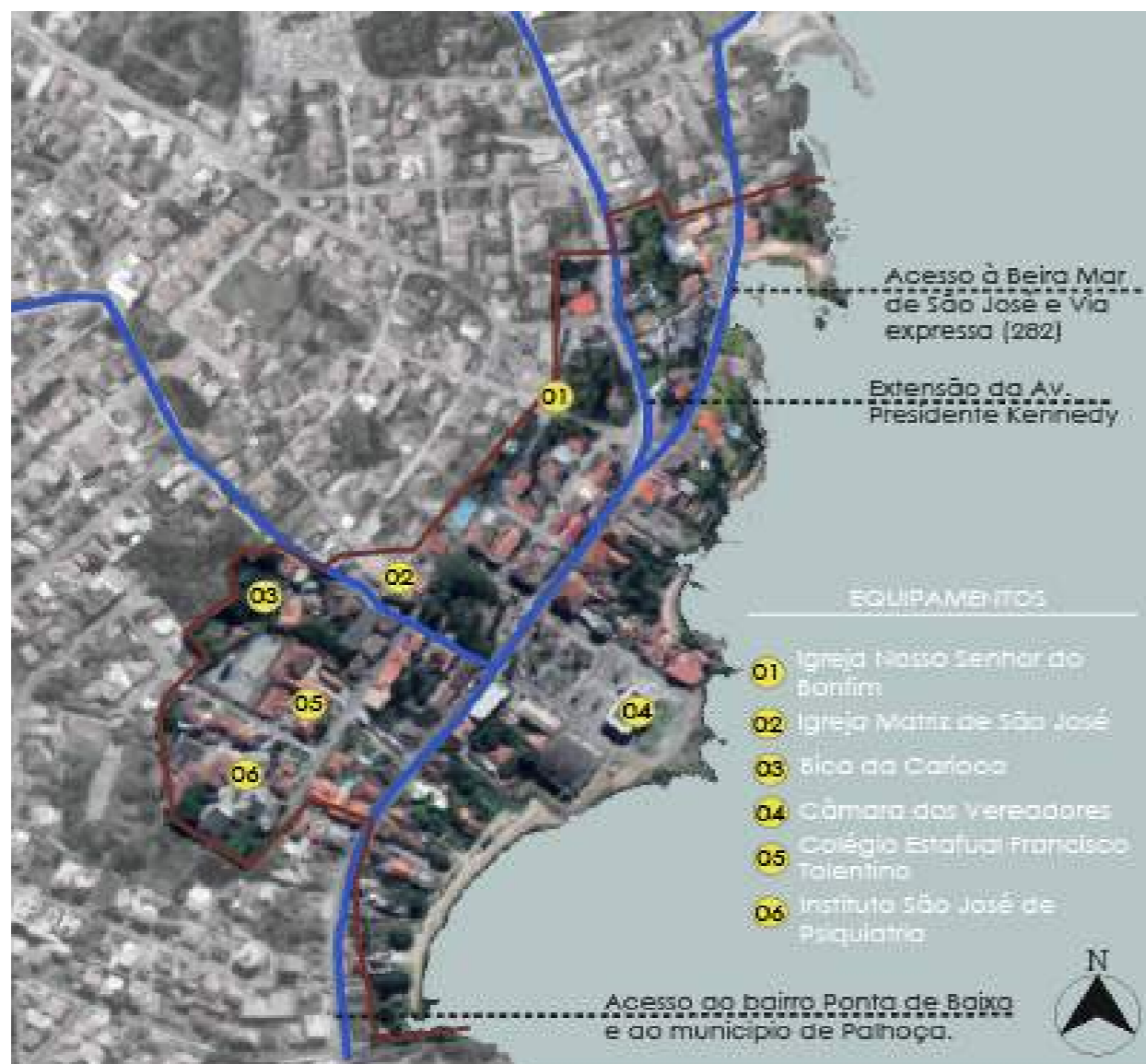
ÁREA DE INTERVENÇÃO



(Fonte: Elaboração própria.)

4.3. CONEXÕES URBANAS

Os acessos principais são através da Av. Presidente Kennedy sentido Florianópolis - São José, ao Sul no sentido Palhoça São José através da Rua Frederico Afonso e pela Rua Coletor Comelli que conecta o bairro à BR101. O mesmo ainda faz ligação com a Beira Mar de São José sentido à Florianópolis com a Rua Getúlio Vargas.



Equipamentos e Conexões Urbanas da escala da centralidade(Fonte: Diagramação autoral, imagem base; Google Earth)

No núcleo central entre as praças Hercílio Luz e Arnaldo Silva, na Rua Gaspar Neves, acontece o encontro de fluxo de tais acessos, sendo confluência também para uma variedade de linhas de ônibus. Foi levantado as linhas que passam pelos pontos de ônibus existentes nas duas praças, e impressiona o número de linhas, 17 ao total, que se destinam ao município de Palhoça, contendo apenas 5 de conexão de Florianópolis com São José e 8 interbairros. Essa informação revela importante potencial de usuários, vindos da cidade vizinha, para o Centro Histórico e possíveis equipamentos previstos em sua intervenção.

LINHAS DE ONIBUS	
DESTINO OU ORIGEM : PALHOÇA	
1	Jardim Eldorado/Florianópolis via São José/Ivo Silveira
2	São Sebastião/São José via P.Vinte. (paradora)
3	Estação Palhoça/São José via Hospital Regional
4	Estação Palhoça/São José via Ponte do Imaruim
5	Estação Palhoça/São José via Fazenda Santo Antônio
6	Estação Palhoça/São José via Fazenda/Hospital Regional
7	Madri/Florianópolis via C.Novo
8	Guarda/Florianópolis via Ponte do Imaruim
9	Ariú/Florianópolis via Ponte do Imaruim
10	Ariú Formiga/Florianópolis via Guarda
11	Palhoça/Florianópolis via Ticen (executivo)
12	Palhoça/Florianópolis via Expressa/Ticen (executivo)
13	Pinheira/Florianópolis via Ivo Silveira (Executivo)
14	Estação Palhoça/Florianópolis via Ponte do Imaruim
15	Estação Palhoça/São José via Ponta de Baixo
16	Ariú Formiga/Florianópolis via Ponte do Imaruim
17	Jaqueira/Florianópolis via B.Vista
DESTINO OU ORIGEM : SÃO JOSÉ	
1	São José/Florianópolis
2	São José/Florianópolis via Senai
3	São José/Florianópolis via Ponta de Baixo
4	Ponta de Baixo/Florianópolis via Panificadora
5	Ponta de Baixo/Florianópolis via Madeireira
MUNICIPAL - INTERBAIRROS	
1	Kobrasol/Área Industrial
2	Barreiros/São José (DIRETÃO)
3	Barreiros/São José (DIRETÃO)EXECUTIVO
4	Kobrasol/Área Industrial via Ponta de Baixo
5	Kobrasol/São José (Praça)
6	Forquilhas/São José (Praça)
7	Serraria/Forquilha
8	Barreiros Sede

Linhas de Ônibus que passam na Rua Gaspar Neves entre as Praças Hercílio Luz e Arnaldo de Souza. (Fonte: Levantamento feito nos sites oficiais das empresas de transporte que atendem a região; Jotur, Enflorut e Estrela)

4.4. PLANO DIRETOR

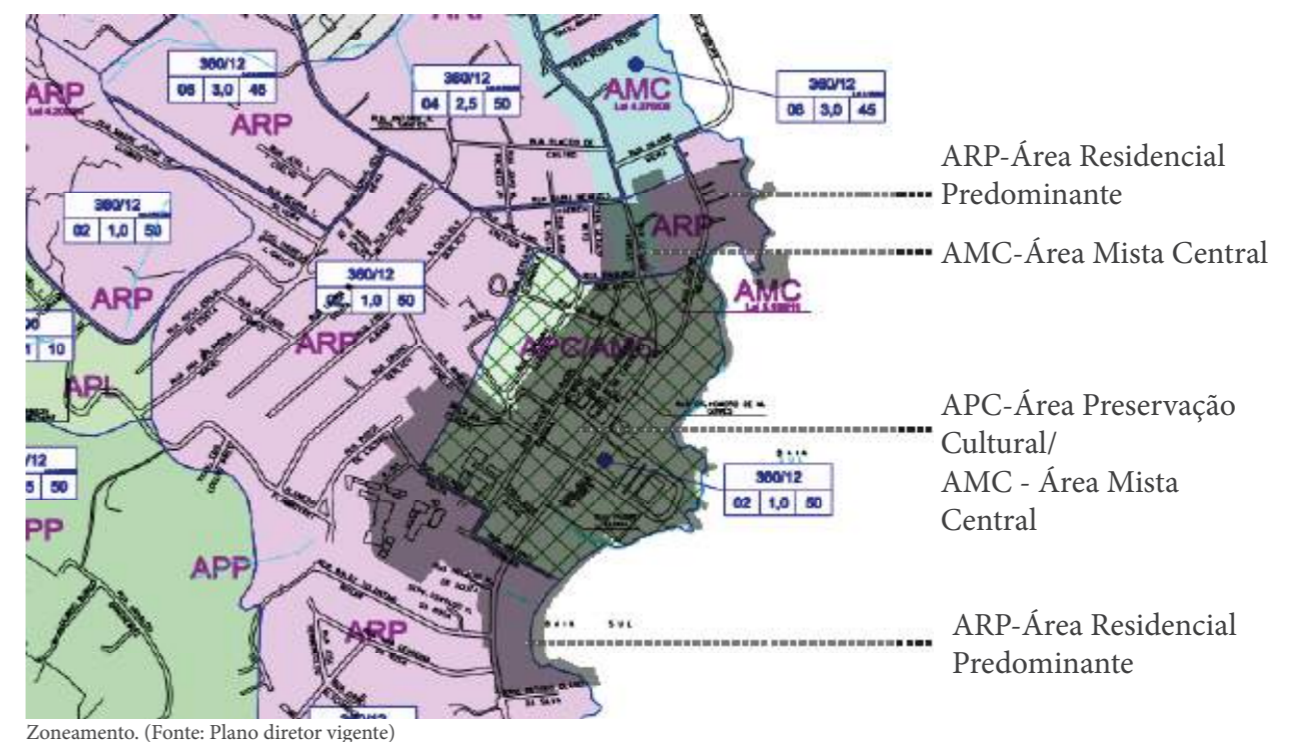
O atual plano diretor de São José está em vigor desde abril de 1985, na área de estudo o plano diretor delimita um perímetro de no qual foi denominado de APC/AMC – Área de Preservação Cultural e Área Mista Central sendo permitido a construção de até 2 pavimentos com índice de aproveitamento 1,0 e taxa de ocupação de 50%. Em tese novas construções e intervenções no perímetro de APC deveriam atender requisitos para garantir que a preservação da paisagem cultural. No Art. 173 da LEI Nº 1.605 DE 17/04/1985 referente ao uso e ocupação do solo há as condicionantes da ocupação para essa área:

§ 1º - A aprovação de novas construções ou de modificação das construções existentes fica subordinada à prévia verificação da harmonia dos projetos com as construções já existentes, respeitadas as seguintes características da arquitetura tradicional: I - volume e altura das edificações; II - cobertura e prolongamento dos telhados; III - relações entre cheios e vazios; IV - proporção das aberturas (portas e janelas) V - materiais; VI - cores dos revestimentos exteriores.

§ 3º - Nos setores históricos nenhuma demolição poderá ser efetuada sem prévia autorização do órgão competente para a proteção do patrimônio histórico, artístico e cultural.

O atual plano diretor de São José está em vigor desde abril de 1985, na área de estudo o plano diretor delimita um perímetro de no qual foi denominado de APC/AMC – Área de Preservação Cultural e Área Mista Central sendo permitido a construção de até 2 pavimentos com índice de aproveitamento 1,0 e taxa de ocupação de 50%. Em tese novas construções e intervenções no perímetro de APC deveriam atender requisitos para garantir que a preservação da paisagem cultural. No Art. 173 da LEI Nº 1.605 DE 17/04/1985 referente ao uso e ocupação do solo há as condicionantes da ocupação para essa área:

§ 1º - A aprovação de novas construções ou de modificação das construções existentes fica subordinada à prévia verificação da harmonia dos projetos com as construções já existentes, respeitadas as seguintes características da arquitetura tradicional: I - volume e altura das edificações; II - cobertura e prolongamento dos telhados; III - relações entre cheios e vazios; IV - proporção das aberturas (portas e janelas) V - materiais; VI - cores dos revestimentos exteriores.



O plano diretor de São José, já defasado com a realidade da cidade, inicia seu processo de revisão com lançamento de uma proposta em 2004 elaborada com a participação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, porém a mesma teve seu processo legislativo interrompido. Atualmente, utilizando como base os estudos de 2004, a proposta segue em elaboração em convênio com Associação dos Municípios da Grande Florianópolis (GRANFPOLIS).(RIBAS, 2018. pág. 43)

A prévia do novo plano diretor avança em relação ao vigente, com a visão ampliada do território para planejamento diminui a fragmentação do espaço urbano. Dessa forma o plano prevê o território com unidades territoriais de planejamento constituídas em macrozonas, zonas, áreas de especial interesse e trecho de sistema viário. (RIBAS, 2018. pág. 43)

§ 1º - As Macrozonas são divisões do Município em grandes Unidades Territoriais, estabelecendo a integração do território municipal como um todo.

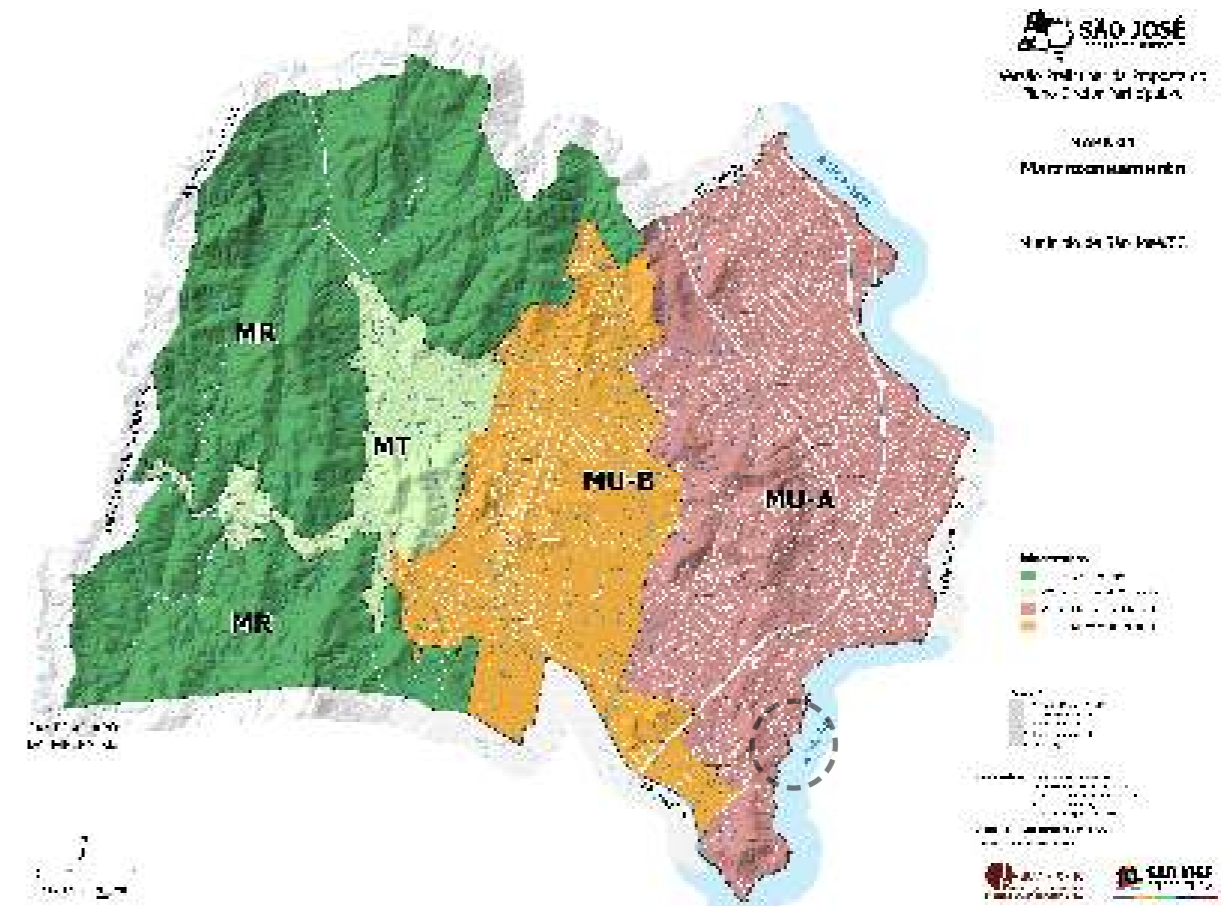
§ 2º - As Zonas são subdivisões das Macrozonas em Unidades Territoriais mais específicas.

§ 3º - As Áreas de Especial Interesse são Unidades Territoriais que se sobrepõem às Zonas e Macrozonas, de acordo com a necessidade de tratamento especial.

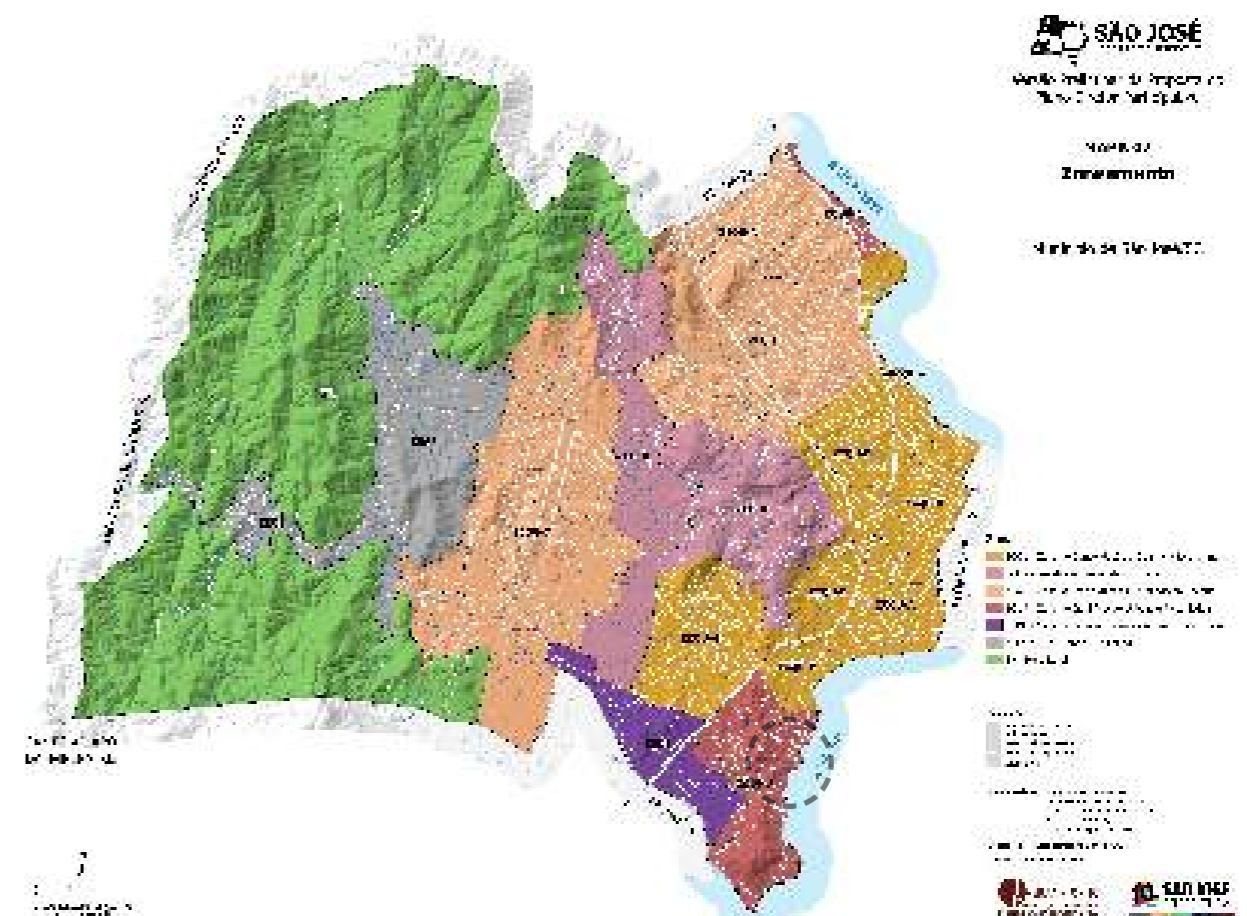
§ 4º - Os Trechos de Sistema Viário são Unidades Territoriais compostas por áreas definidas a partir de segmentos do sistema viário, existente ou projetado, que se sobrepõem às demais Unidades Territoriais, de acordo com a necessidade de tratamento especial.

(Fonte: Aplicação de Regras do Zoneamento, Plano Diretor de São José)

Por essa classificação de acordo com a prévia do novo plano diretor o Centro Histórico se encontra na macrozona MU-A, Macrozona Urbana -A, incluso na zona ZQUP-A, Zona de Qualificação Urbana e Paisagística.

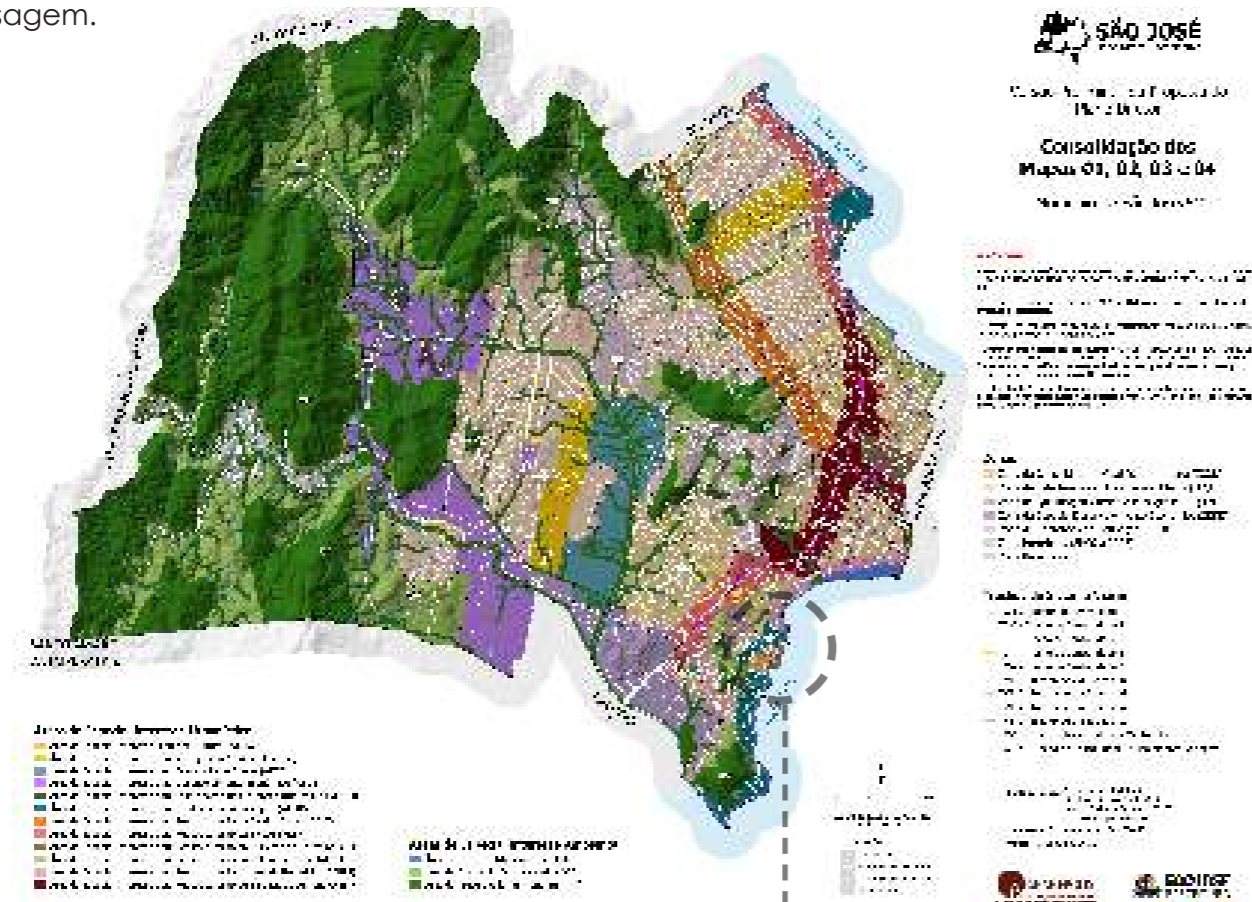


Macrozoneamento. (fonte: Projeto de Revisão do Plano diretor de São José)



Zoneamento. (fonte: Projeto de Revisão do Plano diretor de São José)

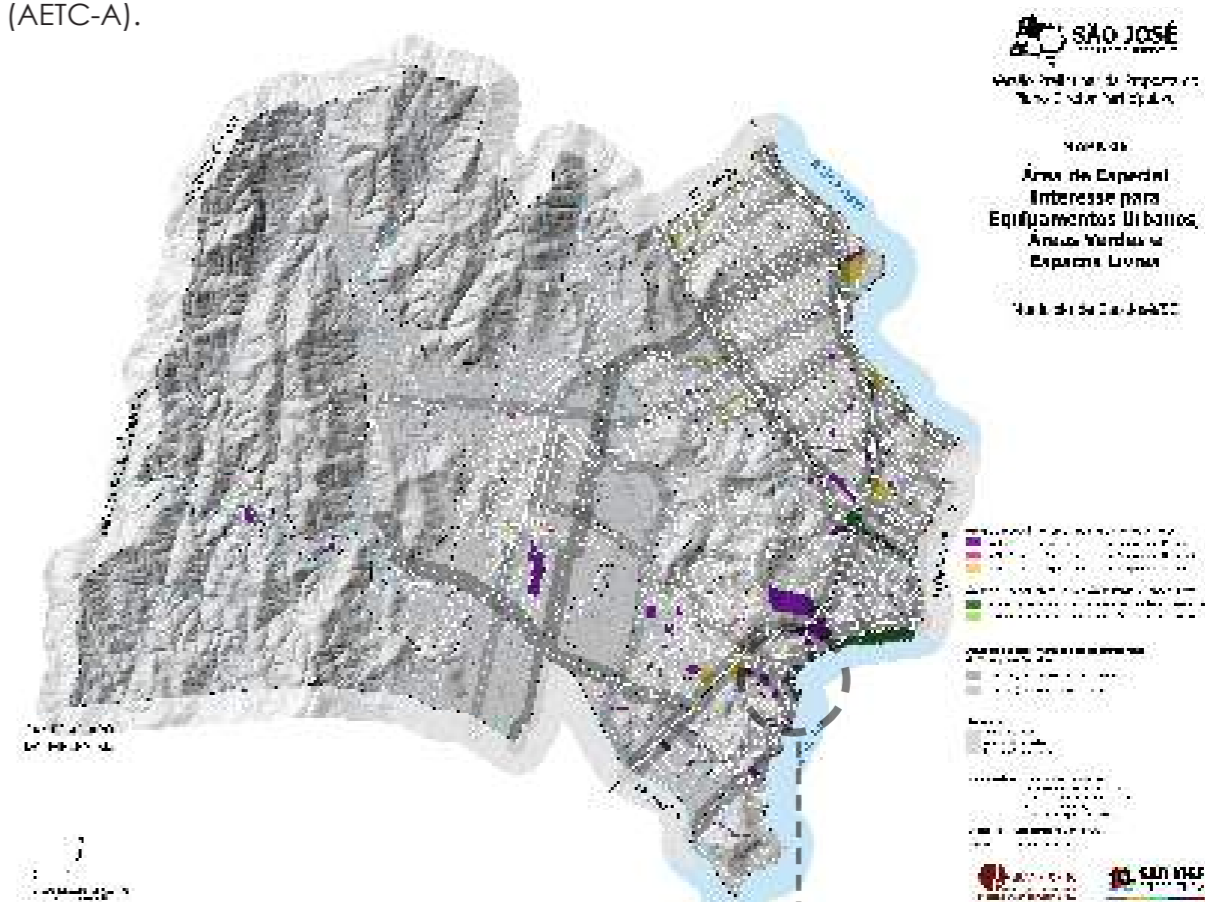
Dentro das áreas de interesse o recorte de estudo contempla no contexto ambiental AEO – Área Especial da Orla Marítima, e APP – Área de Preservação Permanente, ambas ignoradas no plano vigente. No quesito interesse urbanístico fazem parte do contexto estudado; AEHC – Área Especial Interesse Histórico-Cultural e AEQP – Área Especial Interesse para Qualificação da Paisagem.



AEQP - Área Especial de Interesse para Qualificação da Paisagem
 AEHC - Área Especial de Interesse Histórico-Cultural
 APP - Área Preservação Prermanente
 AEO - Área Especial da Orla Marítima

Mapa das áreas de especial interesse específicas, com aproximação para o recorte de estudo. (fonte: Projeto de Revisão do Plano diretor de São José)

Ainda no zoneamento de áreas de interesse o plano prevê AEAV – Área de Especial Interesse Áreas para Verdes e Espaços Livres, localizada na área da Bica da Carioca, AEEU- A – Área Especial de Interesse para Equipamentos Urbanos – A, nas praças no núcleo central nos equipamentos existentes e edificações tombadas, e área de interesse para transporte coletivo metropolitano (AETC-A).



AEEU-A- Área Especial de Interesse para Equipamentos Urbanos -A
 AEEU-A- Área Especial de Interesse para Áreas Verdes e Espaços Livres
 AETC-A- Transporte Coletivo Metropolitano

Mapa das áreas de especial interesse em equipamentos urbanos, áreas verdes e espaços livres, com aproximação para o recorte de estudo. (fonte: Projeto de Revisão do Plano diretor de São José)

Tabela 01: Parâmetros Urbanísticos
Macrozonas e Zonas

Macrozona Urbana A													
Zona	Sigla	Testada mínima do lote (m) [a]	Área mínima do lote (m²) [a] [b]	Coeficiente de aproveitamento			Número máximo de pavimentos [d]	Taxa de ocupação máxima (%)		Taxa de permeabilidade mínima (%)	Afastamentos mínimos (m)		Tipos de vagas para estacionamento [g]
				Mínimo	Básico	Máximo		Torre	Embasamento		Frontal	Fundos e laterais [f]	
Zona de Consolidação e Qualificação Urbana A	ZCQU-A	20	1.000	0,1	1	5,5	16	30	65	20	5	5	Tipo C
Zona de Consolidação e Qualificação Urbana B	ZCQU-B	20	750	0,1	1	3,5	6	40	65	20	5	5	Tipo C
Zona de Consolidação e Qualificação Urbana C	ZCQU-C	20	750	0,1	1	3,5	6	40	65	20	5	5	Tipo C
Zona de Consolidação e Qualificação Urbana D	ZCQU-D	20	500	0,1	1	2	4	50	50	15	5	3	Tipo C
Zona de Consolidação e Qualificação Urbana E	ZCQU-E	20	500	0,1	1	2	4	50	50	15	5	3	Tipo C
Zona de Consolidação e Qualificação Urbana F	ZCQU-F	20	500	0,1	1	2	4	50	50	15	5	3	Tipo C
Zona de Consolidação e Qualificação Urbana G	ZCQU-G	20	500	0,1	1	2	4	50	50	15	5	3	Tipo C
Zona de Contenção da Ocupação A	ZCO-A	10	250	NA	1	1	2	não se aplica	50	25	5	1,5	não se aplica
Zona de Estruturação e Qualificação Urbana A	ZEQU-A	10	250	0,1	1	1	2	não se aplica	50	25	5	1,5	não se aplica
Zona de Estruturação e Qualificação Urbana B	ZEQU-B	20	500	0,1	1	2	4	50	50	15	5	3	Tipo C
Zona de Qualificação Urbana e Paisagística A	ZQUP-A	20	500	0,1	1	2	4	50	50	15	5	3	Tipo C
Zona de Qualificação Urbana e Paisagística B	ZQUP-B	10	250	0,1	1	1	2	não se aplica	50	25	5	1,5	não se aplica

Tabelas de Parâmetros Urbanísticos. (fonte: Projeto de Revisão do Plano diretor de São José)

Tabela 03: Incentivos Urbanísticos
Concessão de PCAi a partir de contrapartidas urbanísticas [a]

Unidades territoriais [b]	Sigla	Coeficiente de aproveitamento concedido para cada contrapartida						Coeficiente de aproveitamento concedido para combinações de contrapartidas			
		Fruição pública [c]	Fachada ativa [d]	Uso misto [e]	Doação de calçada [f]	Cobertura do passeio [g]	Embasamento flexível [h]	Combinação 1 [i] (Fruição pública com área verde urbana)	Combinação 2 [j] (Fachada ativa com galeria interligando logradouros públicos)	Combinação 3 [k] (lotes com acesso a apenas um logradouro público)	Combinação 4 [l] (lotes com acesso a mais de 1 (um) logradouro público)
Área de Especial Interesse para Integração Municipal A	AEIM-A	0,20	0,20	não se aplica	0,15	0,05	0,05	0,30	0,30	1,00	1,00
Área de Especial Interesse para Integração Municipal B	AEIM-B	0,20	0,20	não se aplica	0,15	0,05	0,05	0,30	0,30	1,00	1,00
Área de Especial Interesse para Reestruturação da Av. das Torres-A	AEAT-A	0,30	0,30	não se aplica	0,30	0,05	0,05	0,50	0,50	2,50	2,50
Área de Especial Interesse para Reestruturação da Av. das Torres-B	AEAT-B	0,20	0,20	não se aplica	0,10	0,05	0,10	0,30	0,30	1,00	1,00
Área de Especial Interesse para Reestruturação da R. Gerônimo Thives	AEGT	0,30	0,30	0,10	0,30	0,05	0,05	0,50	0,50	2,50	2,50
Área de Especial Interesse para Reestruturação da Av. Leoberto Leal	AELL	0,20	0,20	não se aplica	0,15	0,05	0,05	0,30	0,30	1,00	1,00
Área de Especial Interesse para Reestruturação Urbana da Beira-Mar	AEBM	0,30	0,30	não se aplica	0,30	0,10	0,10	0,50	0,50	2,50	2,50
Trecho de Centralidade 16	TC-16	0,50	0,50	0,25	1,00	0,25	0,25	1,00	1,00	4,50	4,50
Trecho de Centralidade 8	TC-8	0,30	0,30	0,10	0,30	0,10	0,10	0,50	0,50	2,50	2,50
Trecho de Centralidade 6	TC-6	0,30	0,30	não se aplica	0,30	0,10	0,10	0,50	0,50	2,50	2,50
Trecho de Centralidade 4	TC-4	0,15	0,10	não se aplica	0,15	0,05	0,05	0,30	0,30	1,00	1,00
Trecho de Centralidade 2	TC-2	0,05	0,05	não se aplica	0,10	0,05	0,05	0,15	0,15	0,50	0,50
Trecho de Centralidade do Centro Histórico	TC-CH	0,05	0,05	não se aplica	0,10	0,05	0,05	0,15	0,15	0,50	0,50
Trecho de Centralidade da Av. Presidente Kennedy	TC-PK na AEBM	0,30	0,30	0,10	0,30	0,10	0,10	0,50	0,50	2,50	2,50
	TC-PK na ZCQU 1	0,50	0,50	0,25	1,00	0,25	0,25	1,00	1,00	4,50	4,50

Incentivos Urbanísticos. (fonte: Projeto de Revisão do Plano diretor de São José)

A implantação das áreas de interesses especiais agrega ao plano uma visão do conjunto urbano possibilita melhor leitura do espaço para planejamento de intervenções. No recorte de análise o zoneamento conseguiu contemplar os maiores condicionantes ambientais culturais e paisagísticos, o fato de estar presente no zoneamento já traz boas expectativas se implementado.

Os índices urbanísticos também sofreram alterações, como já visto anteriormente o perímetro estudado se encontra na Zona ZQUP-A permitindo 4 pavimentos, 2 a mais do previsto no plano existente, possibilitando uma possível densificação no Centro. Nos trechos de Centralidade do Centro Histórico já estão previstas concessões do direito de construir a partir de contrapartidas urbanísticas que estimulam a dinâmica urbana e a vivência do pedestre com o espaço.



5.0. LEITURA DO ESPAÇO



5.1. HIERARQUIA DE VIAS

LEGENDA

- Via Arterial
- Via Coletora
- Via Local

Para classificação das vias foi considerado via arterial cuja via tenha importância na escala da cidade, via coletora de importância para o bairro e vias locais as de menor escala,

A área de estudo não é caracterizada por apresentar Via expressa, via de escala metropolitana, sendo assim a rua de maior fluxo é a Rua Gaspar Neves funcionando como via arterial no afunilamento e ao longo do binário que forma com a Rua Getúlio Vargas. Através desta o Centro Histórico se conecta com a Av. Acione Souza Filho, Beira Mar de São José sentido à Florianópolis e a Av. Presidente Kennedy em direção ao município de Palhoça. Como já problematizado neste trabalho o grande fluxo desta via arterial funciona como barreira urbana para as áreas públicas.

As vias coletoras consideradas foram a Rua Coletor Irineu Comeli, até a Gaspar Neves e a Rua Padre Macário no trecho em frente à Igreja Matriz fechando o perímetro que liga o bairro à BR 101 nos dois sentidos sendo muito utilizada também pelo transporte público apesar da escala pequena da Padre Macário.

As demais vias foram consideradas locais, apresentam pouco fluxo de veículos onde não há grandes problemáticas na escala do pedestre.





Mapa de Cheios e Vazios. (Fonte: Levantamento autoral.)

5.2. CHEIOS E VAZIOS

LEGENDA

- Cheio - construído
- Vazio Urbano
- 1 Bica da Carioca
- 2 Praça Hercílio Luz
- 3 Praça Arnaldo de Souza

A região do recorte de análise é formada por grãos pequenos e dispersos sendo possível perceber a delimitação apenas da Rua Gaspar Neves, isso denota ainda a existência de terreno livre, maior permeabilidade dentro dos lotes e possibilidade de transformação dos mesmos.

Os maiores grãos correspondem à equipamentos públicos como o ginásio de esportes, a Igreja Matriz, o Instituto de Psiquiatria de São José e a Câmara de Vereadores. Se excedendo aos equipamentos públicos o conjunto de casario tombado formado por 4 edificações particulares, mais o Museu Municipal, construídas no alinhamento da rua também configura um grande grão, característica típica da ocupação portuguesa feita no local.

Os maiores vazios constituem às áreas públicas das praças Hercílio Luz e Arnaldo de Souza além do Parque da Bica da Carioca.

O cenário demonstra um equilíbrio atual entre o construído e o aberto e ainda indica a possibilidade de transformação local tanto a partir das áreas públicas quanto dos lotes particulares com a possibilidade de densificação.



ESCALA: 1/3000



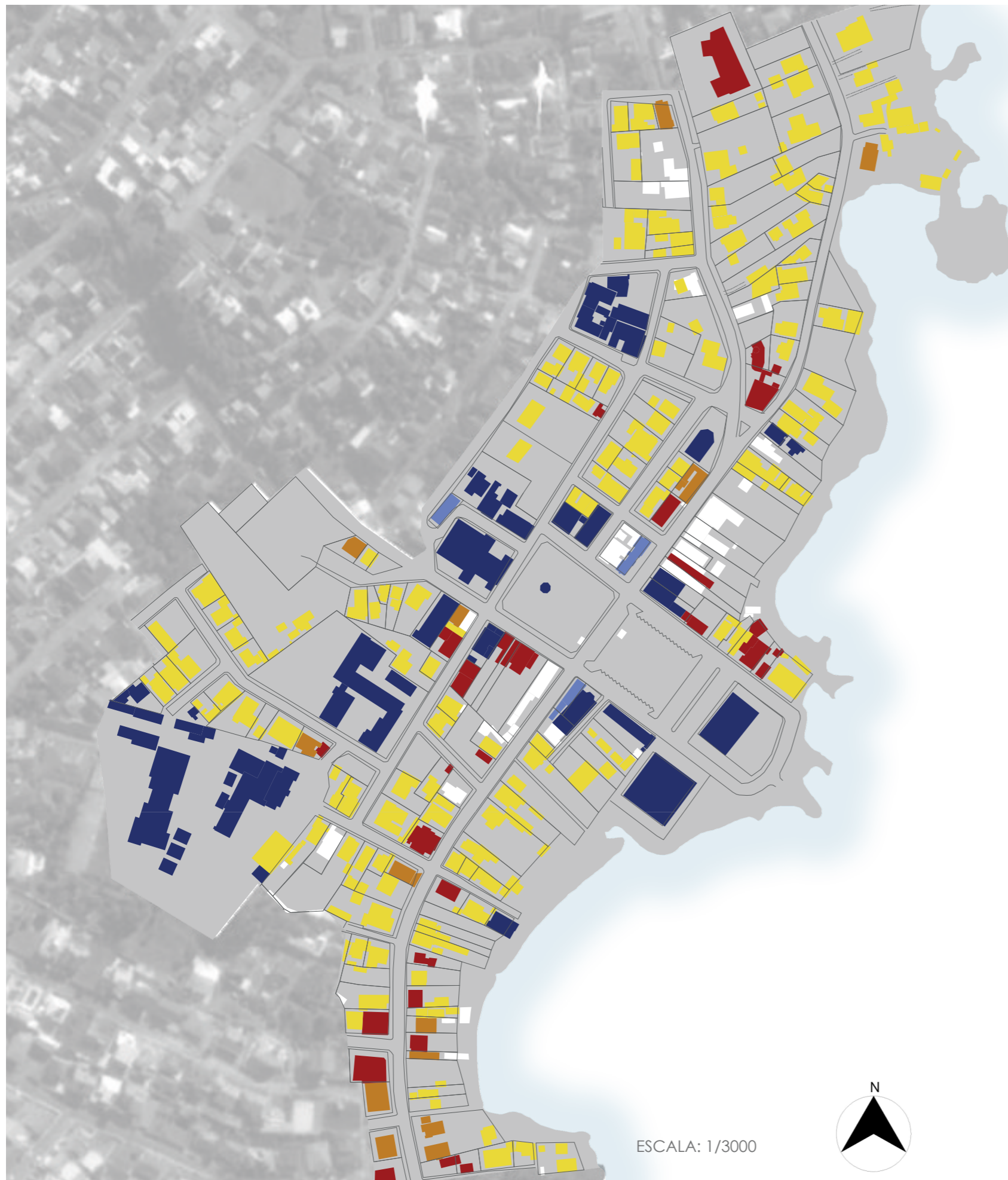
5.3. GABARITOS

LEGENDA

- 1 - 2 pavimentos
- 3 - 4 pavimentos
- 5-6 pavimentos

Na análise de gabarito e altura das edificações o perímetro estudado se configura de forma muito homogênea, algo já esperado se tratando de uma área histórica, apresentando um padrão de 1 a 2 pavimentos. Em visita ao local percebe-se também muitas edificações térreas com terreno elevado o que contribui ainda mais para a percepção de altura homogênea das construções no espaço.

Os casos de gabarito superior ao padrão apresentado são escassos e pontuais, ocorrem geralmente associados ao uso misto ou comercial/serviços. É perceptível a tendência à verticalização, porém ainda tímida, se direcionando aos extremos do recorte analisado, em direção ao bairro Ponta de baixo, ao sul, e ao norte no binário da Rua Getúlio Vargas com a Rua Gaspar Neves essa característica demonstra uma inclinação da área em se tornar uma expansão da centralidade dos bairros Praia Comprida e Campinas.



5.4. USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

LEGENDA

- Institucional
- Residencial
- Comercial/Serviços
- Misto - Institucional + Comercial
- Misto - Residencial + Comercial

O primeiro grande impacto que se tem ao ver o mapa de uso e ocupação do solo desse estudo é a quantidade expressiva de equipamentos institucionais. A segunda reação, agora ao conhecer o local, é a subutilização dos mesmos, sendo em grande maioria de cunho cultural que serão mais tarde melhor listados. Além destes a região ainda conta com o Ginásio de esporte, que se encontra destelhado e sem condição de uso, Unidade de Básica de Saúde, Câmara de Vereadores, Instituto de Psiquiatria, as igrejas, que possuem grande valor histórico e cultural para a localidade, e o Colégio Estadual Francisco Tolentino que movimentava a região nos horários de entrada e saída de aula.

Excedendo o uso institucional a ocupação do solo é predominantemente residencial, característica controversa se considerarmos que a área de estudo é ou ao menos foi o Centro da cidade. Comércio e serviços não estão presentes de forma significativa e se localizam principalmente ao redor das praças Hercílio Luz e Arnoldo de Souza além do entorno da via principal Gaspar Neves. Estes, próximos às áreas públicas, apresentam tendência ao fortalecimento do uso por restaurantes, sendo valorizados pelo potencial paisagístico e arquitetônico da área.

Uma rede de equipamentos institucionais em sua maioria falha no que se refere a atrair a população dificultando a permanência do comércio local, unido a isso ao uso residencial encontramos ruas vazias na maior parte do dia e pouca vivência urbana no cotidiano, o que acarreta a sensação de abandono do local. Com pouca atração para permanência o maior fluxo local é de passagem de automóveis.

5.5. EQUIPAMENTOS CULTURAIS

LEGENDA

- | | |
|--|---|
| ① Sociedade Musical União Josefense | ⑦ Fundação Municipal de Cultura e Turismo |
| ② Escola Profissional Candido Amaro | ⑧ Arquivo Histórico Municipal de São José |
| ③ Museu Histórico Municipal de São José | ⑨ Academia São José de Letras - Asajol |
| ④ Theatro Adolpho Mello | ⑩ Coreto da Praça Hercílio Luz |
| ⑤ Casa da Cultura Municipal de São José | |
| ⑥ Biblioteca Pública Municipal Albertina Ramos | |

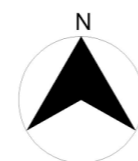
O Centro Histórico se destaca no contexto municipal por ser a região a possuir maior quantidade de equipamentos culturais da cidade, existindo apenas um caso, o Centro Multiuso de São José, fora do perímetro central, localizado na Beira Mar de São José em Campinas (SANTOS, pg88). Esse fato está associado à maioria dos equipamentos estarem locados nos edifícios históricos, porém os números em nada refletem a qualidade e a utilização dos mesmos, o que nos mostra o quão grave é a realidade municipal quando o assunto é cultura.

Os equipamentos de forma geral apresentam aspectos de mal conservação, não apresentam programação que atraia o público e possuem horário de funcionamento restrito. É o caso da biblioteca municipal, única da cidade, que funciona apenas de segunda à sexta em horário comercial, já quando se trata da Casa da Cultura e Museu municipal o caso se agrava ao terem o horário reduzido apenas ao turno da tarde. O Theatro Adolpho Mello, um dos mais antigos do estado, outro importante equipamento que deveria ser de fácil acesso à população foi interditado em 2013 (SANTOS, pg 88), e ainda se encontra fechado, atualmente em reforma de restauração arquitetônica.

Em tentativas da prefeitura de resgatar a atividade cultural surgem eventos como a Feira da Freguesia, que acontece uma vez ao mês e conta com feira de artesanato, leitura de histórias para criança, visita aos equipamentos culturais e ao Centro Histórico. O evento transforma o local ao extremo oposto de sua realidade cotidiana, recebendo muita visitação e atraindo inclusive população de cidades vizinhas, porém essas realizações não dão sobrevida a esses usos fora da sua programação mensal.



ESCALA: 1/3000



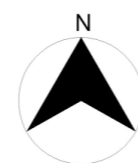
5.6. PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

No ano de 2005, após uma série de denúncias a Fundação de Cultura e Turismo solicita à prefeitura o tombamento emergencial de 22 bens históricos municipais (SILVA, 2006 pg.157). Destes, 8 se encontram no perímetro analisado mais a Igreja Matriz tombada pelo Estado de Santa Catarina.

A conservação de bens pontuais não contribui para a conservação do contexto urbano, além de estarem envoltos de uma série de pastiches arquitetônicos o que dificulta a leitura histórica do espaço. Vale ressaltar que o tombamento não garantiu a preservação e utilização dos mesmos, sendo os mais conservados os de posse da prefeitura e podendo chegar ao extremo abandono como a propriedade particular do casarão do século XIX locado na Rua Getúlio Vargas.



ESCALA: 1/3000



Mapa de Tombamento do Patrimônio Arquitetônico. (Fonte: Listagem de bens tombados pelo estado e decretos municipais de tombamento.)



Fig 67: Igreja Matriz (Fonte: Site Arquidiocese de Florianópolis)



Fig 68: Casarão da Família Gelarch-Atual Biblioteca (Fonte: Material para o concurso)



Fig 69: Casa de Câmara e Cadeia (Fonte: Site oficial da prefeitura)



Fig 70: Theatro Adolpho Mello (Fonte: Decreto de Tombamento)



Fig 71: Casario séc. XIX (Fonte: Decreto de Tombamento)



Fig 72: Sobrado da Municipalidade (Fonte: Decreto de Tombamento)



Fig 73: Igreja Nosso Senhor do Bonfim (Fonte: Decreto de Tombamento)





Fig 74: Casarão séc. XIX (Fonte: Acervo Próprio)



Fig 75: Bica da Carioca (Fonte: Acervo Próprio)

5.7. VAZIOS URBANOS E EDIFICAÇÕES ABANDONADAS

LEGENDA

-  Edificações abandonadas e/ou sem uso aparente
-  Terrenos ociosos

Um dos grandes reflexos da estagnação da área está nas edificações abandonadas fechadas, sem uso aparente ou que não apresentam relação com a rua. É válido ressaltar que o levantamento foi feito através da observação local em diferentes horários e dias da semana e que em alguns casos foi estipulado o uso residencial esperado de algumas edificações, isso significa que o número real de edificações sem utilização nesse perímetro pode ser ainda maior.

Essa situação somada à lotes ociosos, e terrenos altamente murados na região da Igreja do Bonfim despertam a sensação de insegurança e aridez do local se tornando pouco convidativo ao uso do pedestre.

Outra constatação possível através desse levantamento é o quanto a orla tem potencialidade para ser melhor aproveitada. A existência de terrenos ociosos frutos de especulação imobiliária diretamente em contato com o mar desperta a ansia por transformação destes em áreas públicas.

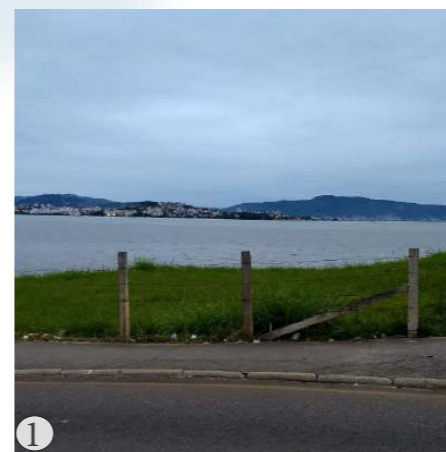
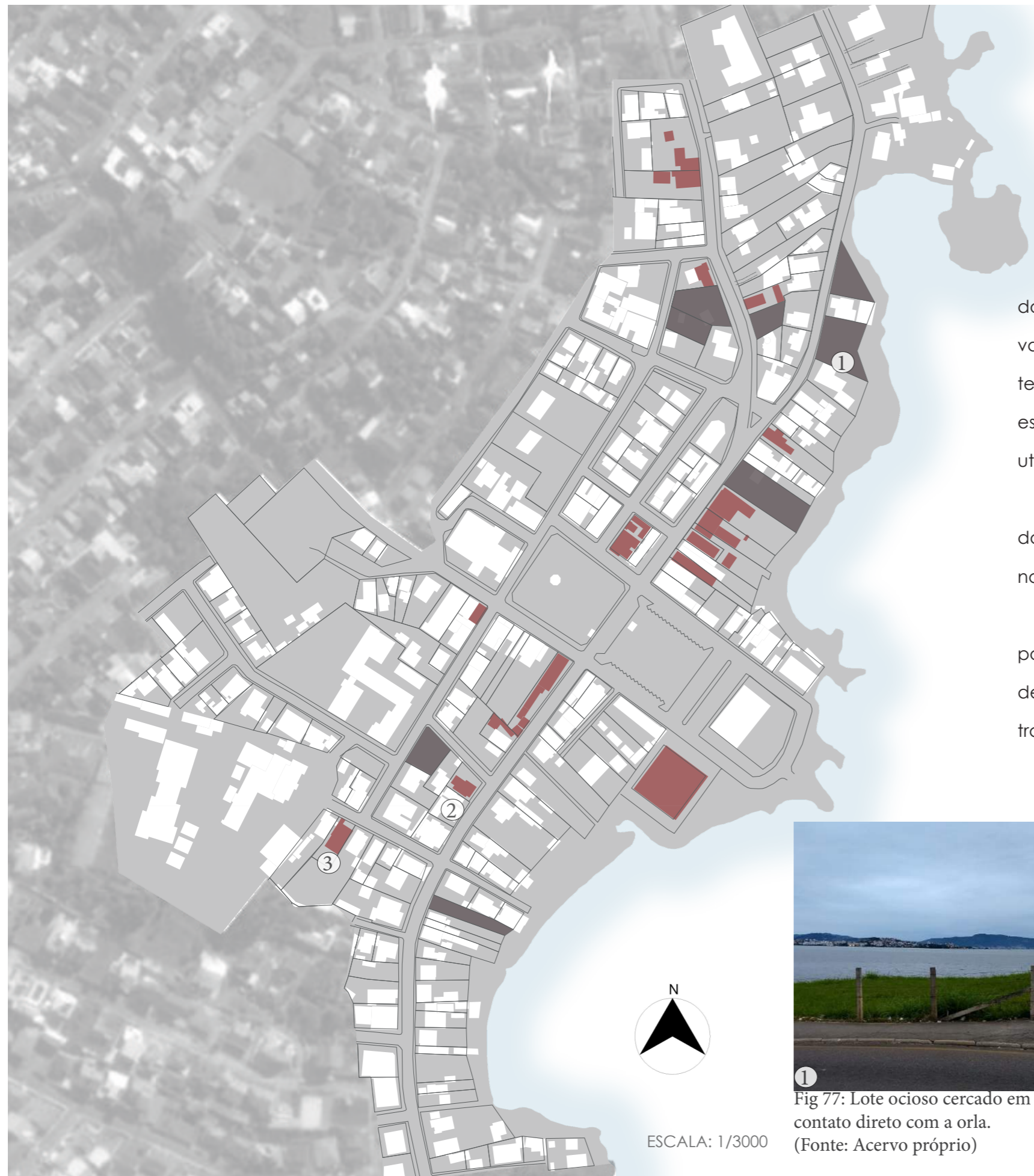


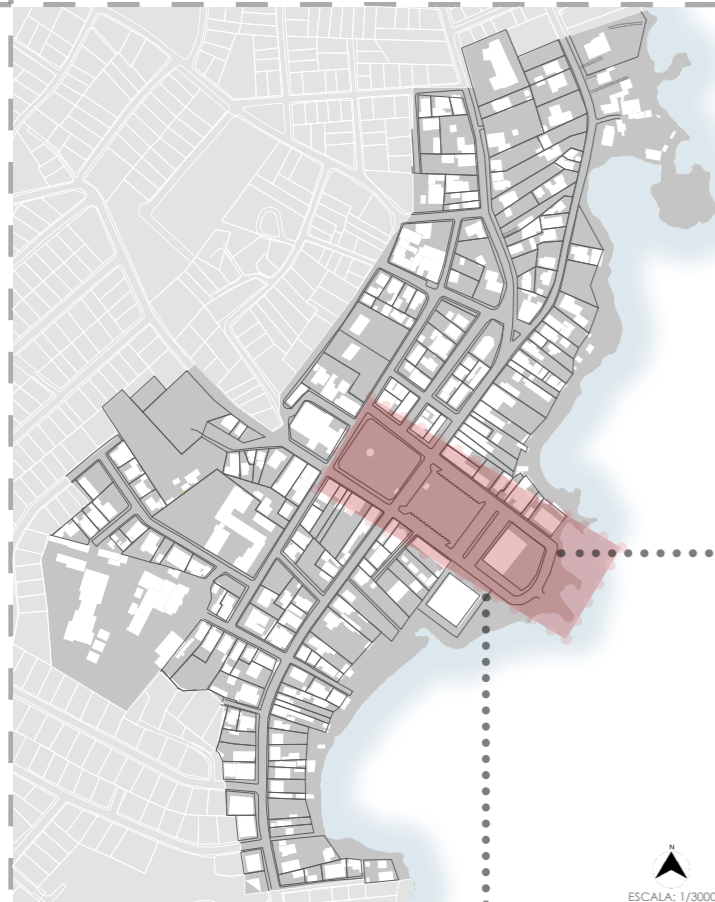
Fig 77: Lote ocioso cercado em contato direto com a orla. (Fonte: Acervo próprio)



Fig 78: Edificação de esquina abandonada. (Fonte: Acervo próprio)



Fig 79: Edificação abandonada ao lado do Instituto de Psiquiatria. (Fonte: Acervo próprio)



Vista aérea área de diagnóstico. (fonte: acervo próprio)



5.8. DIAGNÓSTICO

Para melhor compreensão da área de projeto fez-se um levantamento fotográfico através da vivencia do lugar para levantar problemáticas e pontos fracos sentidos ao ocupar tais espaços públicos.

Essa percepção servirá de base para diretrizes e implantação da proposta.



① Obstrução da paisagem
Barreira visual/psicológica para a praia



② Ausência de estrutura de apoio aos pescadores.



(fonte das imagens: acervo próprio)



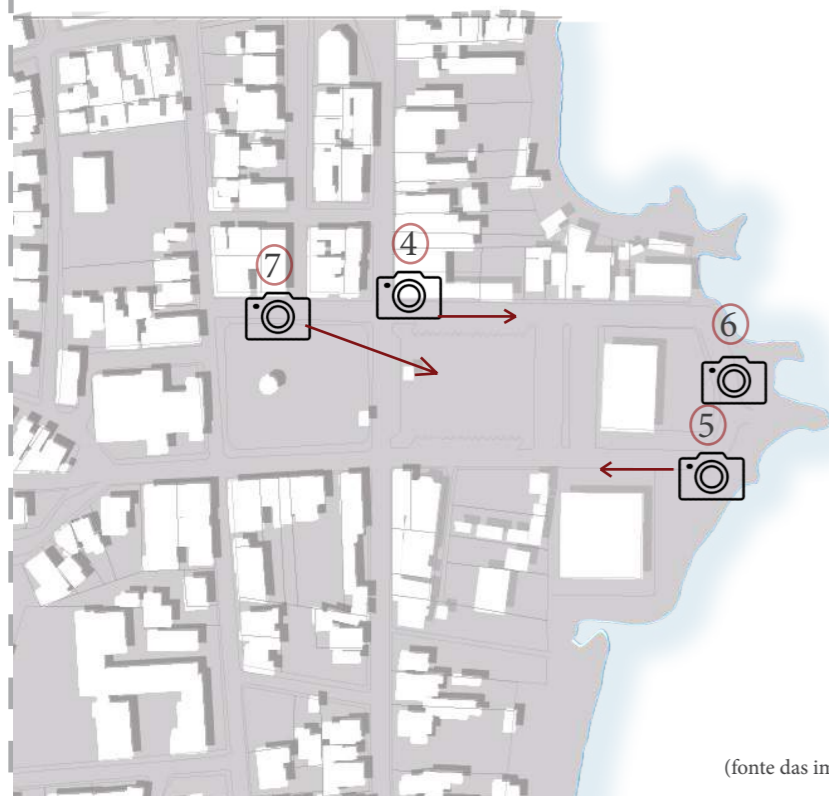
③ Privatização e bloqueio do córrego. (área prevista a se tornar APP pela nova proposta do plano diretor)
Córrego como barreira física ao acesso à praia



④ Obstrução da paisagem
Barreira visual/psicológica para a praia



⑤ Obstrução da paisagem e quebra da relação Praça - Mar



(fonte das imagens: acervo próprio)



⑥ Conexão marítima perdida.
Potencial paisagístico pouco explorado



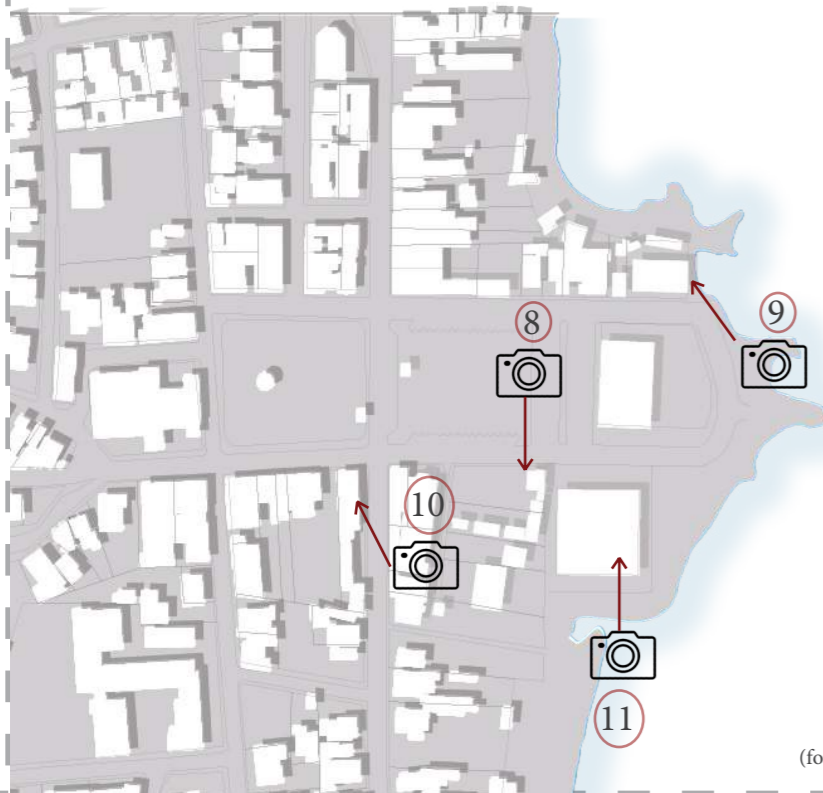
⑦ Contraste de ocupação
Bloqueio visual pela Câmara dos Vereadores. Locais próximo ao mar subutilizados pouca vivência além dos automóveis.



⑧ Ausência de relação com as praias em ambas as situações.
Bloqueio da paisagem



⑨ Ausência de relação com as praias em ambas as situações.
Bloqueio da paisagem



(fonte das imagens: acervo próprio)



⑩ Edifício abandonado na esquina da Praça Hercílio Luz com a Rua Gaspar Neves

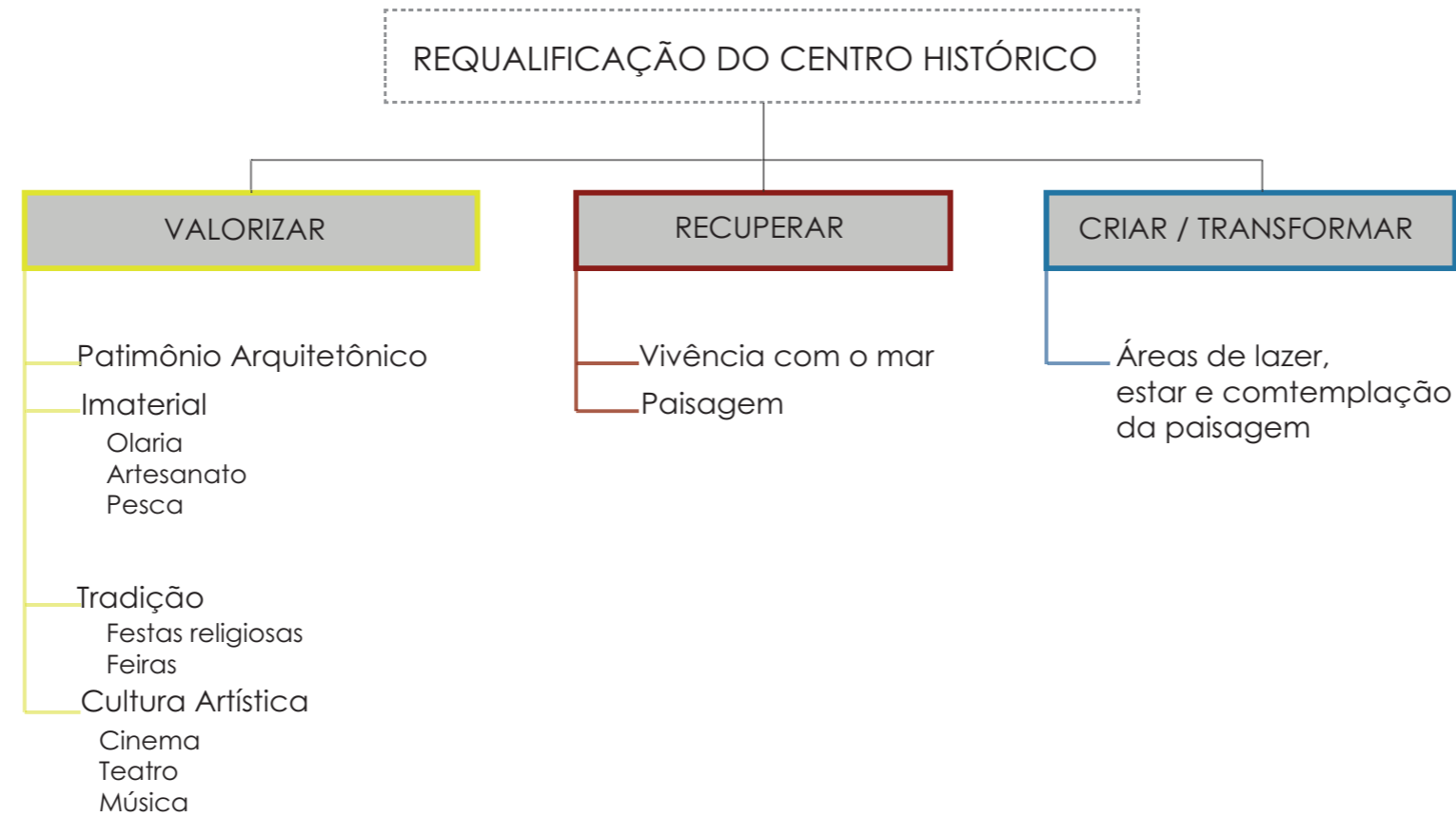


⑪ Situação do Ginásio de esportes em setembro de 2018



6.0. PROPOSTA

6.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS E PROGRAMA PROPOSTO



TURISMO LAZER	CULTURA	IDENTIDADE
EXPOSIÇÃO	RELIGIOSA	PESCA
FEIRA EVENTOS	RELAÇÃO PRAÇA E IGREJA	ASSOCIAÇÃO PESCADORES
APRESENTAÇÕES	AREA FESTIVIDADES	RANCHO COLETIVO
TRAPICHES	ARTÍSTICA	TRAPICHE MARINHA
ÁREA GASTRONÔMICA	FORMAÇÃO	LOJA ARTIGO PESCA
	ATELIÊ DANÇA	OLARIA
	ATELIÊ MÚSICA	ESCOLA OLEIRO
	LAZER	CASA DO OLEIRO:
	CINEMA	LOJA ARTIGOS CERÂMICOS
	CINEMA RUA	LOJA MATERIA PRIMA
	ÁREA DE APRESENTAÇÕES	EXPOSITORES
	TEATRO EXISTENTE	

A CENTRALIDADE

A proposta na escala da centralidade se matem em alterações de fluxo de veículos e sugestões de usos no entorno do projeto de modo a trazer maior dinâmica e movimentação para que a revitalização da área aconteça em todo seu entorno progressivamente e não apenas em localidades pontuais.





ESQUEMA - SENTIDO DAS VIAS ATUAIS

A alteração de fluxo é feita com o objetivo de diminuir o fluxo intenso nas ruas imediatas à praça o diluindo em binário, além de desafogar o núcleo central levando movimentação às ruas adjacentes que possuem pouco movimento e locais em estado de abandono.

Com a mudança de sentido das vias secundarias de mão dupla para mão unica cria-se também espaços de áreas de estacionamento diluido no entorno para dar suporte a nova movimentação esperada para o local.



ESQUEMA - SENTIDO DAS VIDAS PROPOSTO



Acesso Rua Getúlio Vargas
Florianópolis - São José

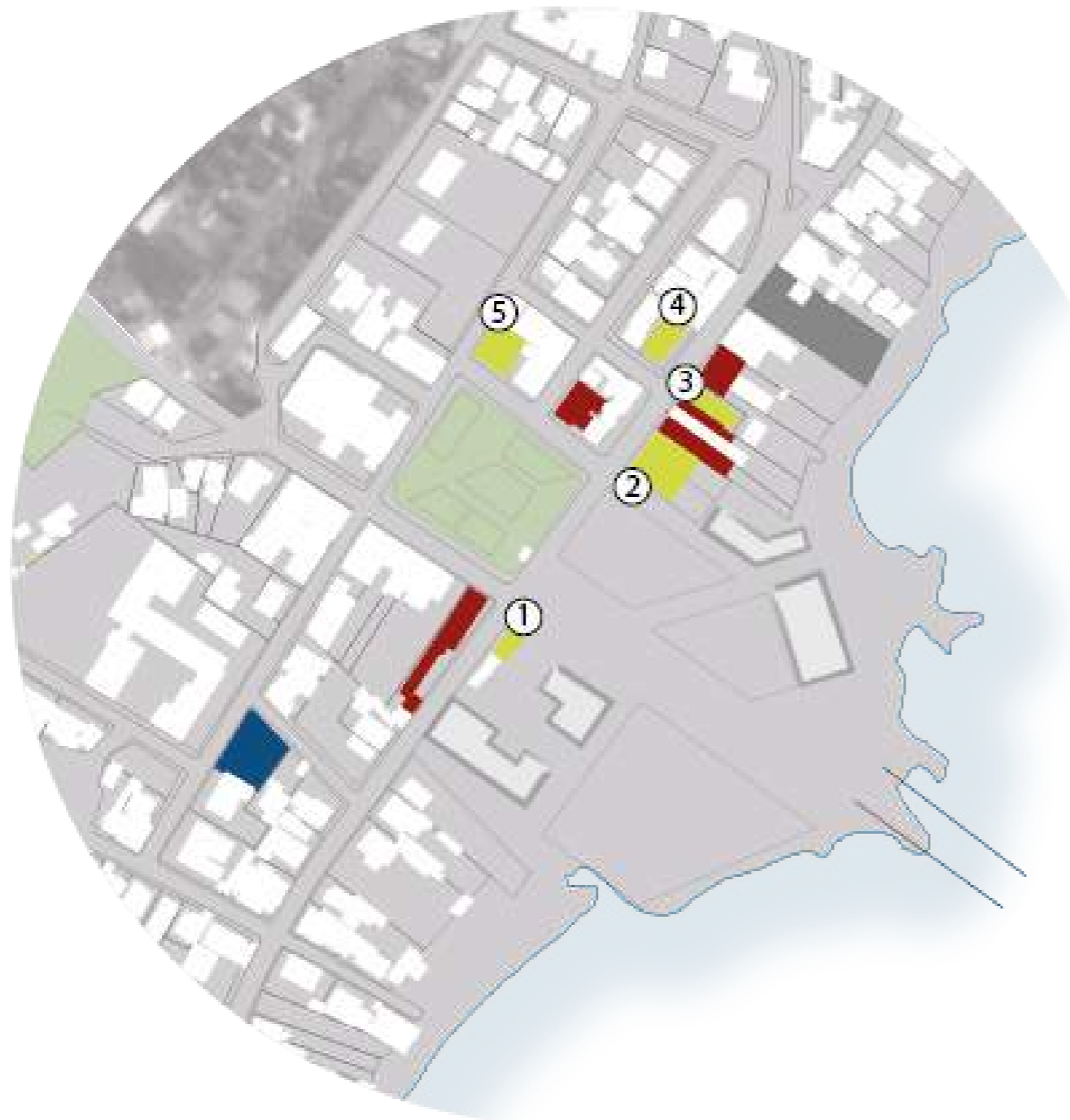
Acesso Rua Coletor Irineu Comeli
BR 101 - Centro

Acesso Rua Padre Cunha
Palhoça - São José

- Principais vias de acessos
- Via de acesso às vagas preferenciais e apoio ao Rancho de Pesca e Escola de Oleiros
- Ciclofaixa
- Áreas de vagas preferenciais
- Áreas de estacionamento
- Bicletário
- Ponto de ônibus

MAPA: PRINCIPAIS ACESSOS

MAPA: ALTERAÇÕES DE USO



- ① **USO ATUAL:** Edificação tombada cujo térreo funciona bar e pavimento superior arquivo da prefeitura.
USO PROPOSTO: Manter uso térreo atual e segundo pavimento integrar ao centro cultural proposto funcionando como extensão das salas de teatro musica e dança.



Edificação à receber Museu Municipal

- ② **USO ATUAL:** Museu municipal
USO PROPOSTO: Casa do oleiro, apoio à escola de oleiros. Venda e exposição de peças da olaria e omerciaização de materiais para aprática da arte.
 -- Museu Municipal relocado para casarão abandonadon na Rua Gaspar Neves (aproximadamente 300m de distância do local atual)

- ③ **USO ATUAL:** Sem uso aparente
USO PROPOSTO: Comercialização de artigos para atividade pesqueira.

- ④ **USO ATUAL:** Restaurante
USO PROPOSTO: Retomada do Cinema que o ocupava anteriormente

USO ATUAL: Fundação de Cultura e Turismo
USO PROPOSTO: Acrescentar à função atual o uso de arquivo da prefeitura.

■ Terreno ocioso - Proposta de receber a relocação da Unidade de saúde a ser desapropriada (aproximadamente 150m da locação atual)

■ Edificações abandonadas - uso proposto comercial de comércio vicinal.



INTERVENÇÃO URBANA








A implantação do anteprojeto dos espaços públicos tem como base a recuperação das duas praças existentes, Praça Hercílio Luz (em frente à igreja) e Praça Arnaldo de Souza, e qualificar a relação destes com seu entorno imediato da orla marítima.

A intenção de projeto é transformar novamente a área num local de encontros com diversidade de pessoas, usos e experiências. Para tal os espaços foram pensados de forma a serem amplos e flexíveis de modo a atender os diversos eventos já existentes e característico do local como a pesca, as feiras, as apresentações teatrais e musicais e os eventos religiosos além de possibilitar diversas novas formas de apropriação do lugar.

A interação com o mar é mais uma diretriz fundamental que ganha força tendo em vista o aclame da população pela recuperação do trapiche perdido e o próprio discurso da prefeitura no desejo de voltar novamente a cidade ao mar e suas origens. Atendendo a esse anseio é proposto um trapiche central para atender tanto a atividade de pesca quanto barcos de passeios particulares e/ou turístico além de ser uma possibilidade para estudos futuros de integração com o transporte marítimo. Além do trapiche central uma das praias, hoje completamente obstruída e sem acesso, é pensada a ser estrutura de apoio à atividade pesqueira já existente sendo implementado um quebra mar e rampa de acesso aos barcos integrado ao novo equipamento de rancho de pesca público proposto.

MODIFICAÇÕES E DESAPROPRIAÇÕES

LEGENDA

-  Ed. Pública. Demolida e uso relocado.
-  Ed. Particular desapropriadas.
-  Uso a relocado.
-  Edificação tombada
-  Vias extintas



Função de Museu Municipal relocada para casarão tombado e abandonado da Rua Getúlio Vargas. Edificação atual receberá nova função.

Câmara dos Vereadores relocada para novo prédio em processo de licitação na Av. Beira Mar de São José.

Ginásio de esporte interditado e abandonado

Unidade básica de Saúde relocada

GINÁSIO DE ESPORTES JÁ DEMOLIDO
EM DEZEMBRO DE 2018

As desapropriações feitas visam a abertura das praias para desobstrução da paisagem e criando conexões perdidas do espaço com seu entorno e o mar. Sugere-se a relocação das mesmas para áreas próximas tendo em vista o número de edificação e lotes abandonados na região.

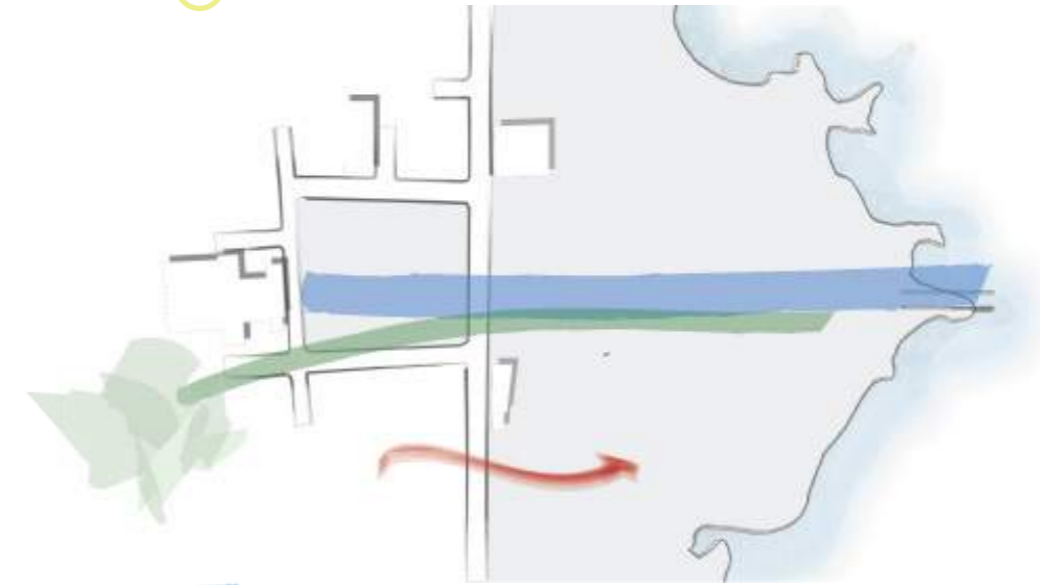
DIRETRIZES E INTENÇÕES DE PROJETO

1 RECONHECIMENTO DA ÁREA



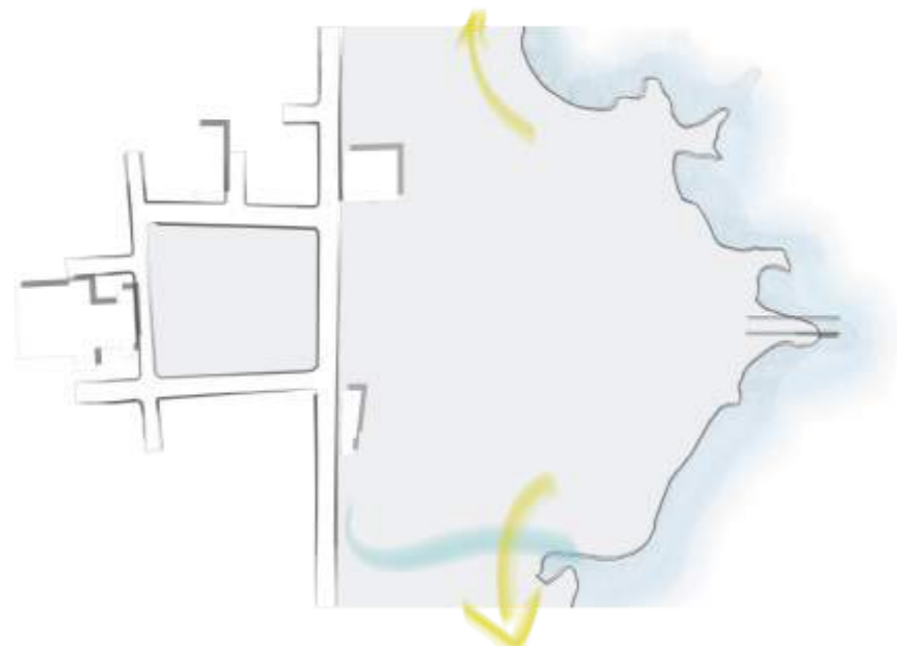
- Edifícios “chave” do entorno
 - 1 Igreja Matriz
 - 2 Teatro Municipal
 - 3 Museu Municipal
 - 4 Edifício tombado
- Área de intervenção
 - Área à implantar proposta de praças

2 EIXOS ESTRUTURANTES



- Eixo visual Igreja - Mar
- Eixo verde “anunciando” e integrando o Parque da Bica da Carioca
- Conexão urbe - praça - mar

3 RELAÇÃO COM O ENTORNO



- Qualificação do espaço em torno do córrego existente
- Valorização e integração das praias à praça central

4 DIRETRIZES PARA IMPLANTAÇÃO DOS OQUIPAMENTOS



- Edificações propostas
- Permeabilidade com a orla e as praias
- Permeabilidade e conexão urbe - praça - mar
- Reconstrução do perímetro da quadra



COMPOSIÇÃO DOS ESPAÇOS

1 ÁREAS VERDES



- Novos jardins
- Área de reformulação dos canteiros da praça antiga

2 ÁREAS DE ESTAR



- Novas áreas de estar
- Áreas de mesas
- Áreas de estar ao longo do trapiche a ser proposto

3 ÁREAS PARA APRESENTAÇÕES E EVENTOS



- Áreas sugeridas para apresentações, exposições
- Áreas sugeridas para montagem de feiras e estrutura para eventos

4 ÁREAS DE APROXIMAÇÃO AO MAR



- Trapiche a ser proposto
- Pontos da praça com áreas de estar próximas ao mar

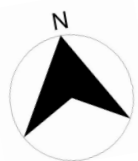


PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



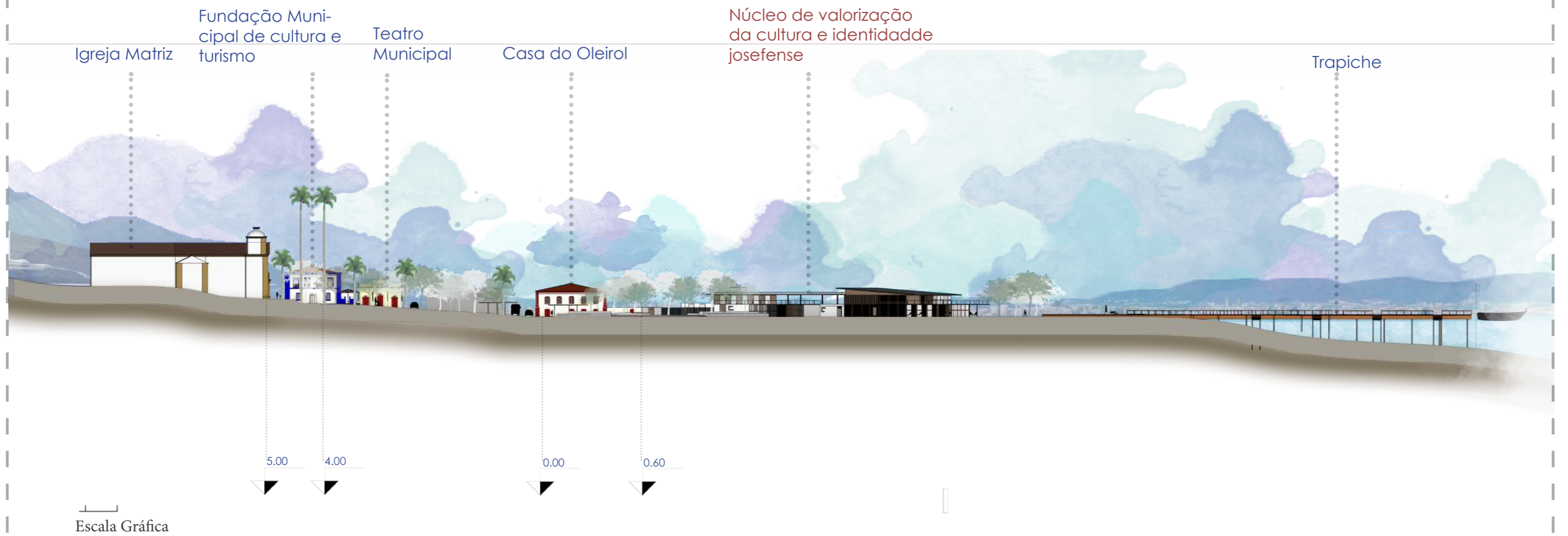
- Espaço para montagem de feiras
- Igreja
- Patrimônio histórico

- ① Equipamento Proposto: Núcleo de Valorização da Cultura e Identidade Josefense
- ② Equipamento Proposto: Centro Cultural São José da Terra Firme
- ③ Rampa para barcos
- ④ Quebra Mar
- ⑤ Estacionamento
- ⑥ Bicicletário
- ⑦ Passarela de acesso à praia
- ⑧ Escadaria de aproximação ao mar
- ⑨ Trapiche



Escala Gráfica

CORTE



VISTAS IMPLANTAÇÃO



OS EQUIPAMENTOS



Para completar o conjunto de intervenções é proposto dois equipamentos de cunho cultural e lazer Para tal é feito o ensaio urbano da substituição de parte da ocupação existente no entorno das praças, que servem de barreiras ,por equipamentos públicos a serem implantados de forma permeável entre a urbe e a paisagem criando novas relações e novas formas de se apropriar do espaço existente, recuperando o os visuais e o contato da população com o mar de modo a reestabelecer os laços e incentivar a reapropriação da população ao seu centro fundacional.

O programa de necessidades foi pensado de forma a resgatar traços ainda vivos da história e cultura josefense. Ao inserir essas atividades próximas entre si e de forma integrada à um contexto urbano (ao contrário da forma isolada e desconexa que existem atualmente) possibilita a troca de conhecimentos, a diversidade dos usuários e amplia o público que passa a conhecer tais atividades ao passar.

PROGRAMA DE NECESSIDADE

O Programa de necessidade previsto para a intervenção foi dividido em dois conjuntos de edifícios, o **CENTRO CULTURAL** e o **NÚCLEO DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE**.

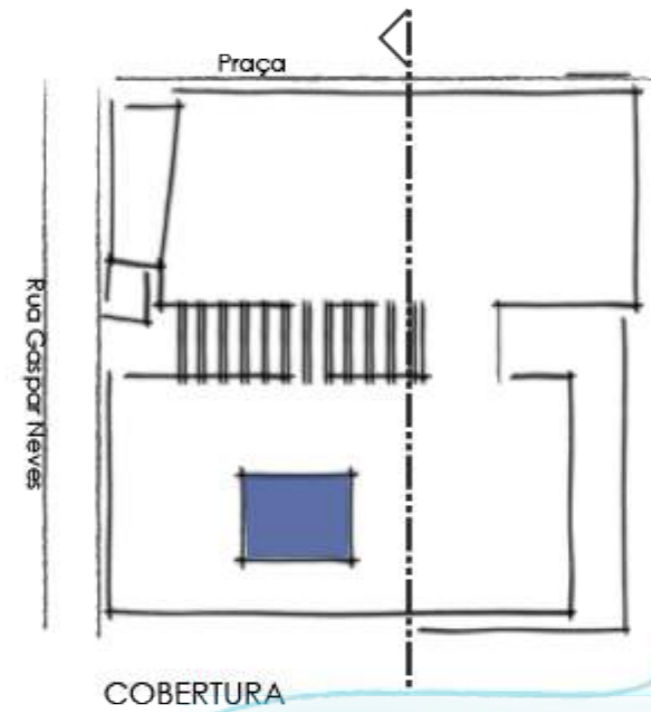
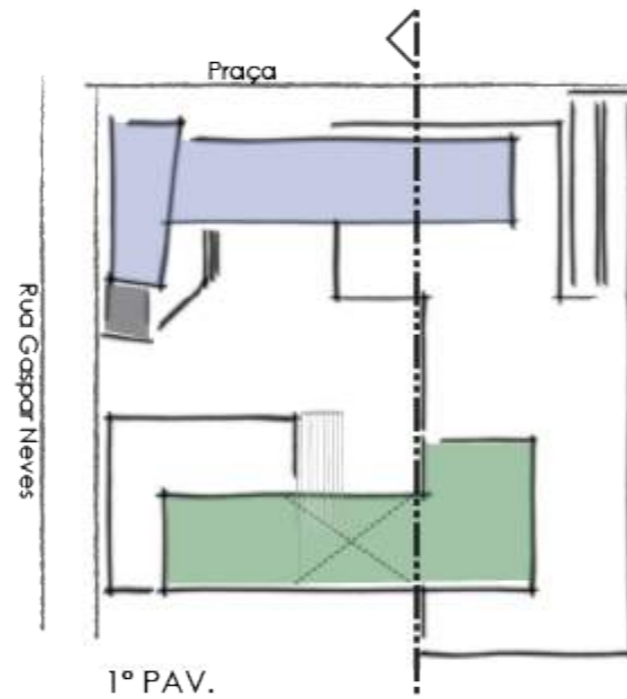
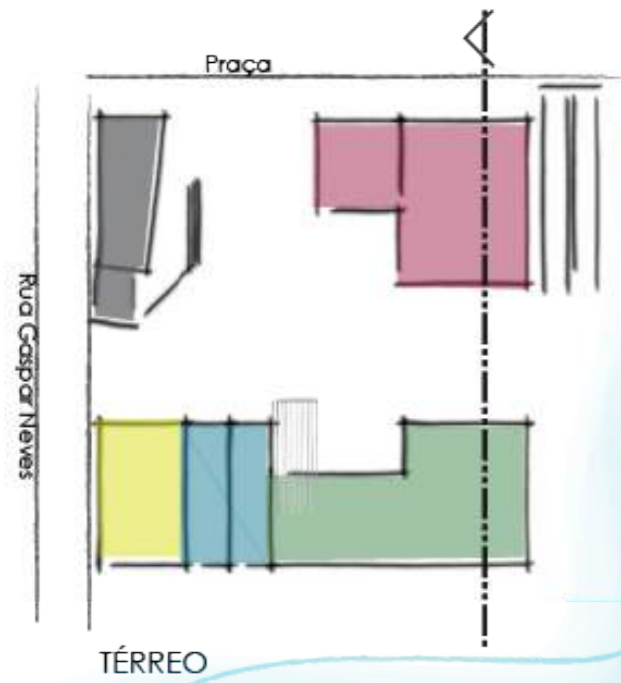
Para o Centro cultural está previsto uma Biblioteca Pública servindo de extensão da existente, ao lado da Igreja Matriz, uma vez em que a biblioteca atual é a única da cidade e encontra-se defazada em estrutura e materiais possuindo apenas dois computadores e quase nenhum espaço de estudos. Para a biblioteca proposta no Centro Cultural propõe se então áreas de leitura, estudos reuniões, café e uma ala de computadores e midioteca fazendo com que esta seja então complemento da atual.

Além da biblioteca é proposto Ala de oficinas de dança teatro e música, sendo que o município já possui programas de ofertar tais oficinas à alunos das escolas públicas e comunidade porém sem muita estrutura física para tal. Para completar o programa é previsto a locação da associação dos moradores com um salão para audiências e eventos à serião da comunidade além de bares/restaurantes e cafés para suporte das demais atividades e atração de público para o espaço em diferentes horários.

Para o Núcleo de Valorização está sendo proposto um rancho de pesca coletivo e público de forma a trazer tal equipamento de forma integrada ao espaço urbano e não isolada em forma de exclusão como de costume de forma que mais pessoas tenham contato com a atividade pesqueira. Para o rancho então está previsto a locação da associação dos pescadores como forma de administrar o uso do espaço, quebra mar e espaço para proteção dos barcos e rampa de acesso á praia. Juntamente ao equipamento referente á pesca foi locado a atividade da olaria, esta relacionada à pesca e ao mar desde suas origens no município quando os pescadores faziam o transporte dos produtos cerâmicos à capital, muitas vezes estes exercendo ambas as atividades. A importancia deste programa se dá a quase extinção do ofício de oleiro, declarado patrimônio imaterial da cidade, e um aumento na procura da escola de oleiros da Ponta de Baixo, que atendente cerca de 200 alunos ao ano. A valorização destas culturas é importante não apenas para São José como para a região de Florianópolis com sua colonização açoriana.

CENTRO CULTURAL	NÚCLEO DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE JOSEFENSE
BIBLIOTECA PÚBLICA	RANCHO DE PESCA PÚBLICO E COLETIVO
CAFÉ/BAR/RESTAURANTE	ASSOCIAÇÃO DOS PESCADORES
ALA DE AULAS DE DANÇA TEATRO E MUSICA	ESCOLA DE OLEIROS
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES	
VESTIÁRIOS PÚBLICOS	

ESPACIALIZAÇÃO DO PROGRAMA



- Café e Restaurante
- Biblioteca
- Sanitário e Vestiário
- Associação de Moradores
- Uso original patrimônio tombado - térreo: bar

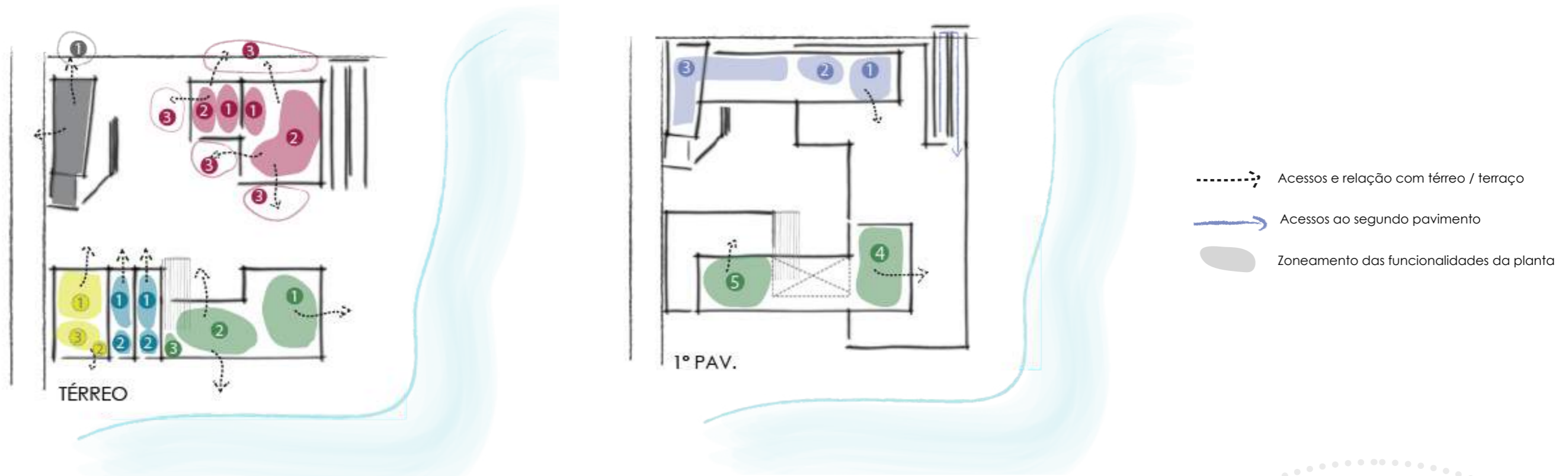
- Ala de oficinas de dança, teatro e música
- Biblioteca

- Caixa d'água



**CENTRO CULTURAL
SÃO JOSÉ DA TERRA FIRME**

ZONEAMENTO DOS ESPAÇOS INTERNOS E RELAÇÕES COM O EXTERIOR



- 1 Cozinha e Sanitários
- 2 Mesas internas
- 3 Mesas externas

- 1 Café e mesas de estudo/ reunião
- 2 Recepção e área de estudos
- 3 Sanitários
- 4 Área de livros e leitura
- 5 Área de computadores e midioteca

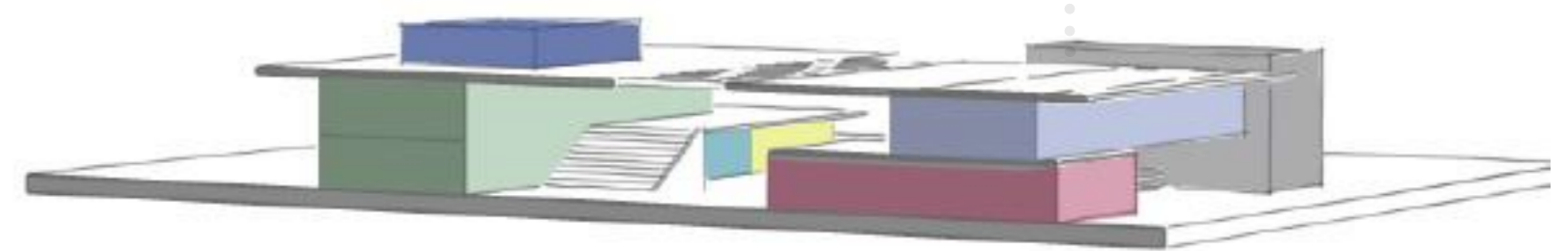
- 1 Mesas externas

- 1 Lavatório e cabines
- 2 Chuveiros

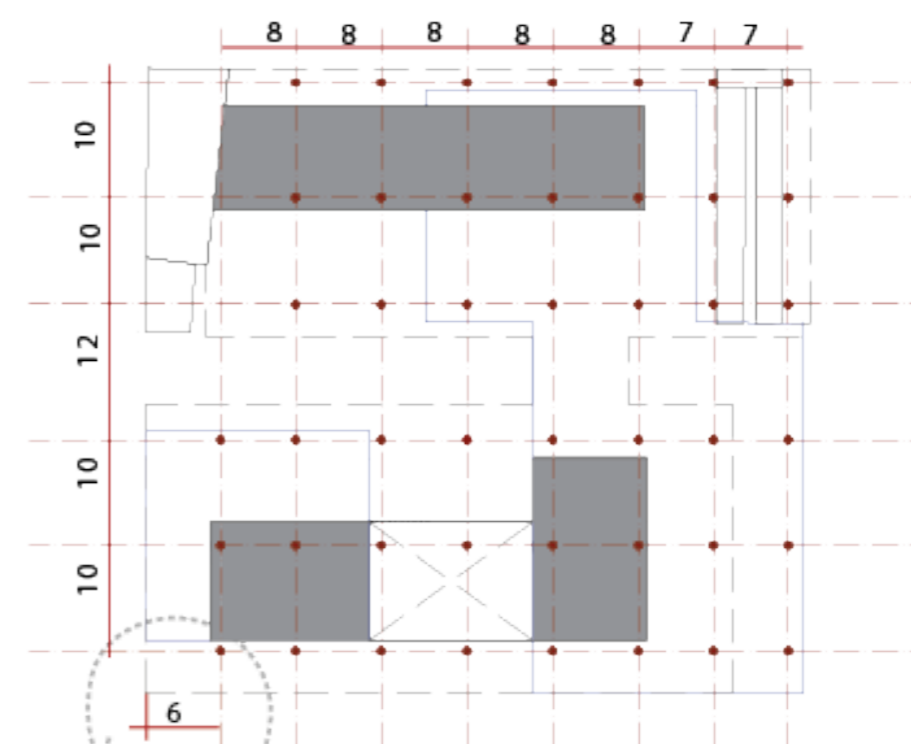
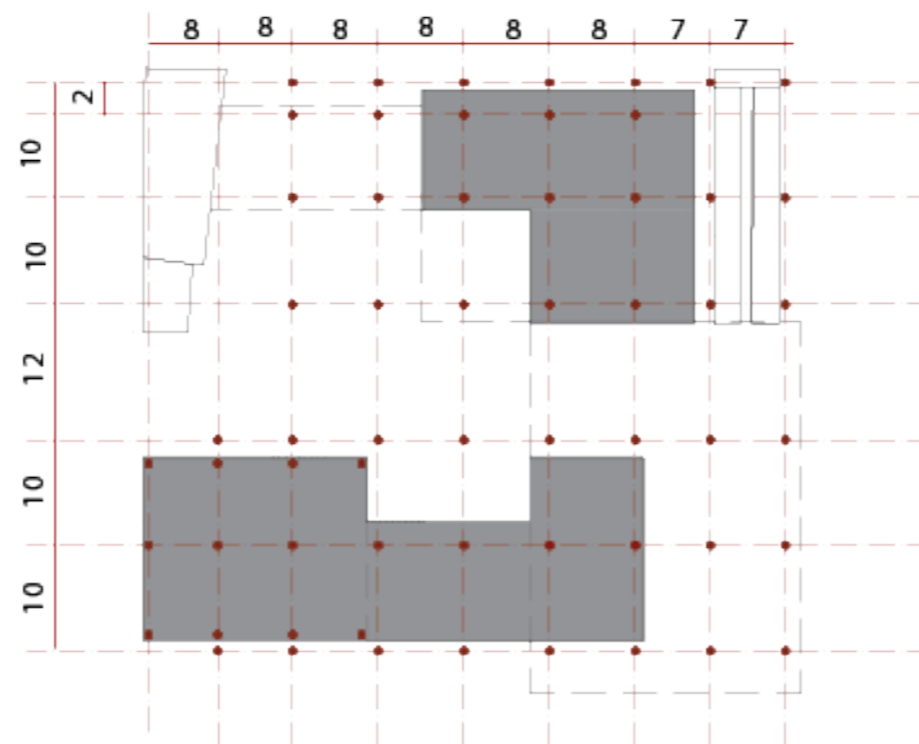
- 1 Salão comunitário para audiências, reuniões e eventos públicos
- 2 Sanitários para funcionários
- 3 Área administrativa e de manutenção

- 1 Recepção e sanitários
- 2 Salas de instrumentos e figurinos
- 3 Salas de aula de dança, teatro e música

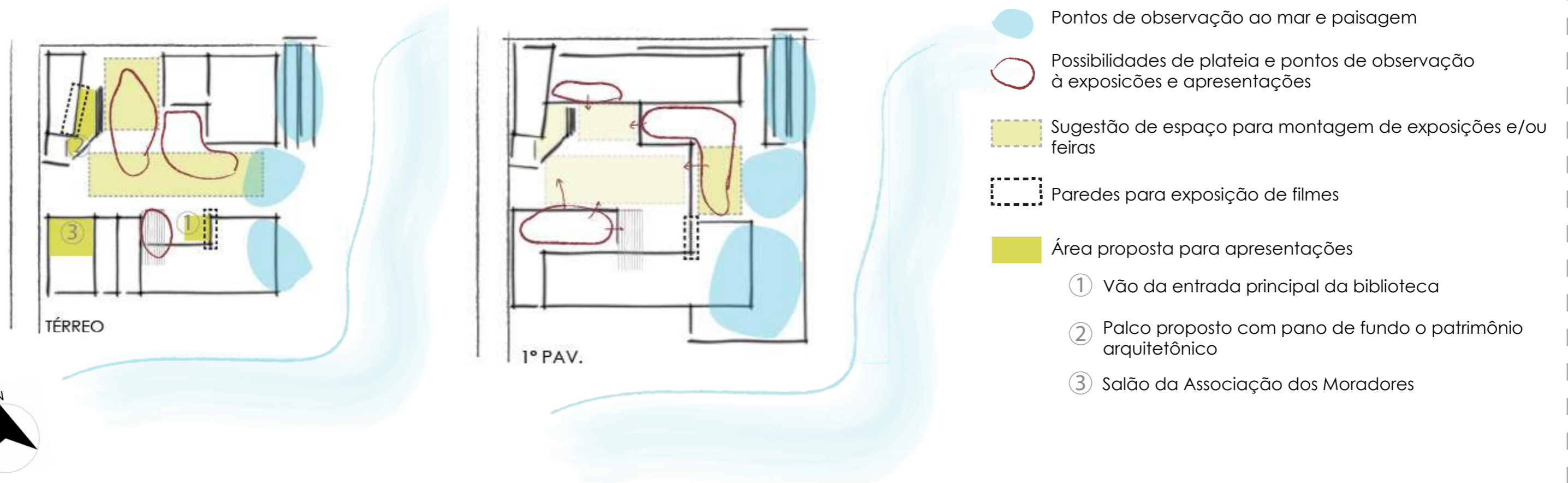
- Café e Restaurante
- Biblioteca
- Sanitário e Vestiário
- Associação de Moradores
- Uso original patrimônio tombado - térreo: bar
- Ala de oficinas de dança, teatro e música
- Biblioteca
- Caixa d'água



ESQUEMA ESTRUTURAL
SUJESTÃO DE MODULAÇÃO DE PILARES

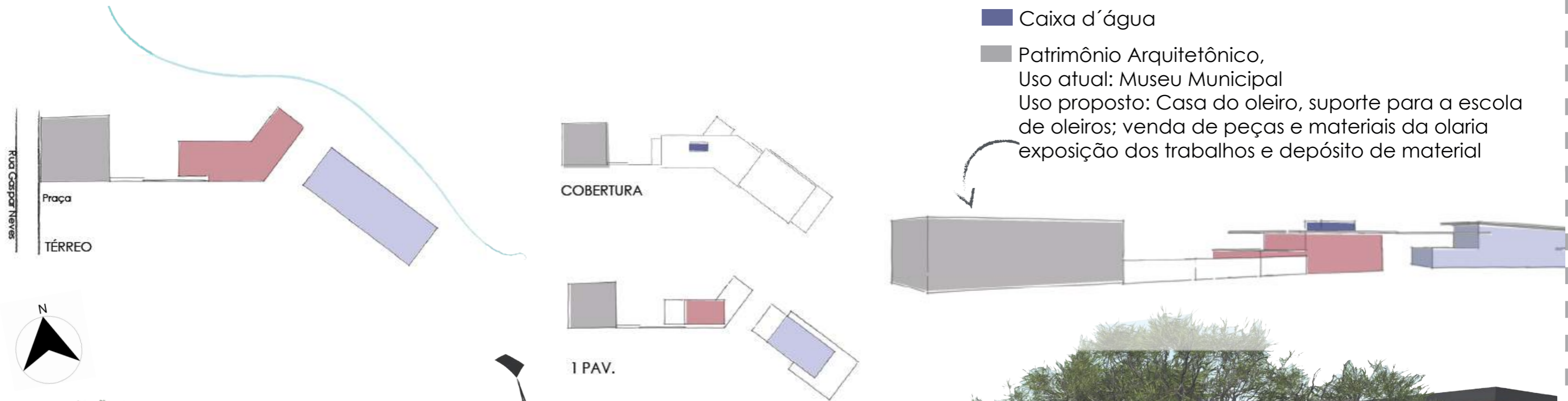


ÁREAS DE APRESENTAÇÕES, EXPOSIÇÕES E VIVÊNCIAS AO MAR(S)



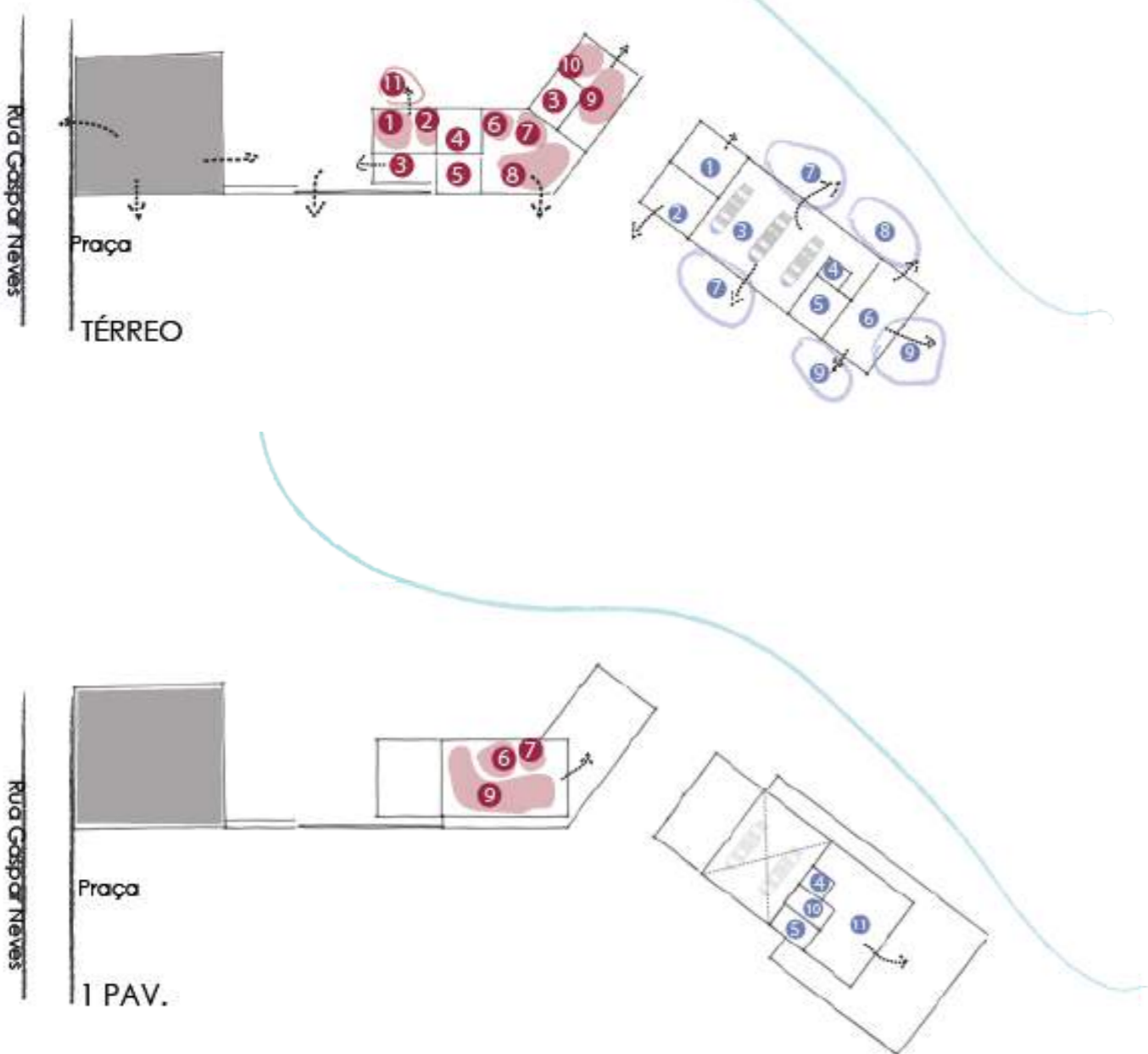


ESPAIALIZAÇÃO DO PROGRAMA



NÚCLEO DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE JOSEFENSE

ZONEAMENTO DOS ESPAÇOS INTERNOS E RELAÇÕES COM O EXTERIOR



-----> Acessos e relação com térreo / terraço

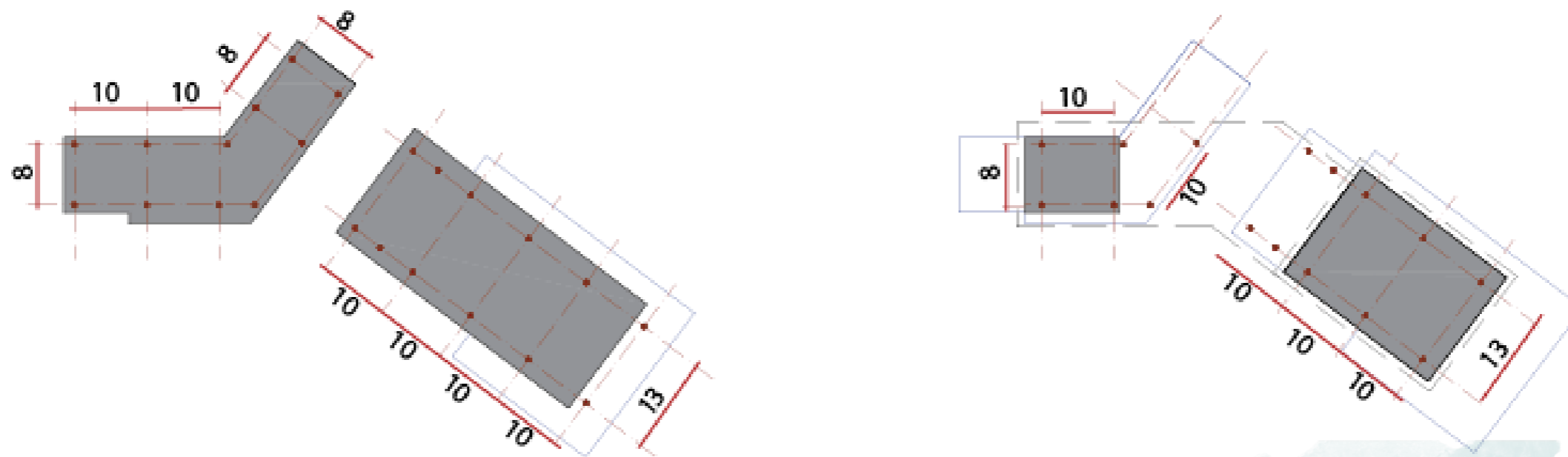
 Zoneamento de ambientes

 Áreas externas relacionadas diretamente ao uso do edifício

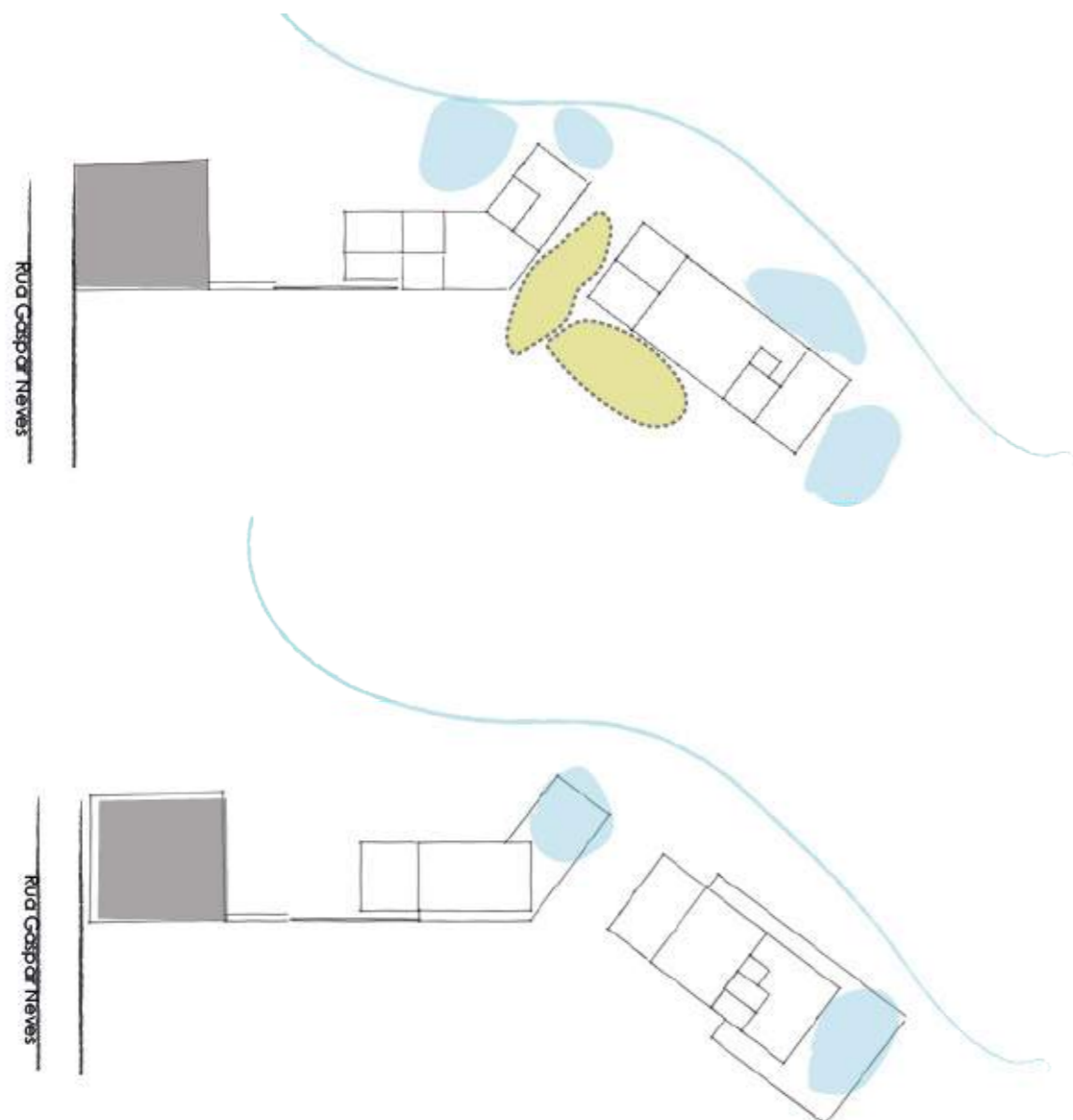
- 1 Área de forno - secagem das peças
- 2 Área de tanques - interna
- 3 Armazenamento de peças e/ou materiais
- 4 Sala de aula - Tornos
- 5 Área administrativa
- 6 Sanitário
- 7 Acesso ao primeiro pavimento
- 8 Recepção
- 9 Sala de aula - mesas
- 10 Área de pias
- 11 Área de tanque - externa



- 1 Associação dos pescadores - área administrativa
- 2 Área de refrigeração de pescados (com abertura para a praça possibilitando o atendimento de vendas ao público)
- 3 Área de manutenção e para guardar os barcos
- 4 Acesso ao primeiro pavimento
- 5 Sanitário e vestiário
- 6 Cozinha
- 7 Área de apoio aos barcos - externa
- 8 Área de tanques e limpeza dos pescados
- 9 Área de mesas e redes - externa
- 10 Depósito e armário para os pescadores
- 11 Área de descanso

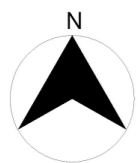
ESQUEMA ESTRUTURAL
SUJESTÃO DE MODULAÇÃO DE PILARES



ÁREAS DE APRESENTAÇÕES, EXPOSIÇÕES E VIVÊNCIAS AO MAR(S)



-  Pontos sugestão para áreas de estar para observação ao mar e paisagem
-  Sugestão de espaços para exposição e feiras de artigos de pesca e trabalhos de cerâmica





7.0. REFERÊNCIAS

7.1. REFERÊNCIAS.

- SILVA, Tatiana Cristida da. Centro Histórico de São José (SC): Patrimônio e Memória Urbana. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Geografia. UFSC, 2006.
- GERLACH, Gilberto; MACHADO, Osni. São José da Terra Firme. Clube de Cinema Nossa Senhora, 2007.
- OTTO, Daniela. Transporte Coletivo E Espaço Público: A Estação De Transferência Barreiros-São José. Trabalho de Conclusão do Curso. Arquitetura, UFSC
- RIBAS, Laira. Integração entre Macro e Microacessibilidade: A Interface de Transportes em Barreiros. Trabalho de Conclusão do Curso. Arquitetura, UFSC
- SUGAI, Maria Inês. Segregação Silenciosa: Investimentos Públicos e Distribuição Sócio-Espacial na Área Conurbada de Florianópolis. Tese de Doutorado: USP. 2002.
- PAIVA, J. G. de O. Memória Histórica sobre a colônia alemã de São Pedro de Alcântara. In: PHILIPPI, Aderbal João. São Pedro de Alcântara – A primeira colônia alemã de Santa Catarina. 1995.
- Proposta de Plano Diretor Participativo de São José/SC. Versão Preliminar para Consulta Pública. Disponível em < <https://www.saojose.sc.gov.br/index.php/sao-jose/versao-preliminar-do-plano-diretor1> > Acesso em abril 2018.
- Plano diretor vigente de São José. Disponível em <https://www.saojose.sc.gov.br/index.php/sao-jose/plano-diretor-vigente> Acesso em junho 2018.
- PELUSO JR. Victor Antônio. Significação Geográfica da Enseada de São José. In: RAMOS, João Carlos (Dir.) Santa Catarina Filatélica – número especial comemorativo da fundação de São José. 1950.
- JACOBS, Jane. Morte e vida das grandes cidades. Tradução de: Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SANTOS, Jéssica Cardoso dos. Sistemas de Áreas de Lazer em São José. Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso. Arquitetura, UFSC.
- Plano Municipal de Habitação de Interesse Social do Município de São José. Disponível em <https://www.saojose.sc.gov.br/images/uploads/geral/Relatorio_registro_estrategia_de_acao.pdf> acesso em março de 2018.
- Panorama da cidade de São José. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sao-jose/panorama>. Acesso em maio 2018.
- Página Oficial da Prefeitura de São José. Disponível em <http://www.saojose.sc.gov.br>. Acesso em maio 2018.
- Itinerário das linhas de ônibus da empresa de Transporte Enflotur–Biguaçu Transportes. Disponível em <<http://www.biguacutransportes.com.br/>>. Acesso em junho de 2018.

- Itinerário das linhas de ônibus da empresa Jotur. Disponível em <<http://www.jotur.com.br/>>. Acesso em junho de 2018.
- Itinerário das linhas de ônibus da empresa Estrela. Disponível em <http://www.tcestrela.com.br/ws1/xnavegacao/entradas/fr_4linhas_intmun.htm>. Acesso em junho de 2018.
- Sistema Municipal de Indicadores e Informações Culturais – IdCult. São José. Disponível em <<https://cultura.sc/saojose/>>. Acesso em abril de 2018.
- Site oficial do Concurso Nacional de Estudos Preliminares para a Requalificação Urbanística do Centro Histórico de São José. Disponível em <<http://iab-sc.org.br/concursocentrohistoricosj/>>. Acesso em abril 2018.
- Contorno Viário de Florianópolis deve ficar pronto em 2021, aponta estudo da Fiesc. G1SC, 20 dez. 2017. Disponível em <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/contorno-viario-deve-ficar-pronto-em-2021-aponta-estudo-da-fiesc.ghtml>> . Acesso em junho 2018.
- Premiados – Requalificação do Centro Histórico de São José – SC. concursosdeprojeto.org, 14 abr. 2014. Disponível em <https://concursosdeprojeto.org/2014/04/14/premiados-requalificacao-do-centro-historico-de-sao-jose-sc/>. Acesso em junho de 2018.
- Revitalização do Centro Histórico de São José: resgate da ligação entre o mar e a cidade. RIC MAIS. 3 out. 2017. Disponível em <https://ricmais.com.br/sc/programas/balanco-geral-florianopolis/revitalizacao-do-centro-historico-de-sao-jose-resgate-da-ligacao-entre-o-mar-e-a-cidade>. Acesso em abril 2018.
- STEPANSK, Elaine. Projeto de repaginação do Centro Histórico de São José precisa de R\$ 32 mi para ser executado. Notícia do dia online, 26 mar. 2014. Disponível em <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/valorizacao-do-espaco-urbano-do-centro-historico-em-sao-jose-nao-tem-data-para-execucao>. Acesso em maio de 2018.
- Orla do Centro Histórico de São José está mais perto da revitalização. Notícias da Página oficial da prefeitura, 21 mar. 2018. Disponível em <https://www.saojose.sc.gov.br/index.php/sao-jose/noticias-desc/orla-do-centro-historico-de-sao-jose-esta-mais-perto-da-revitalizacao>. Acesso em abril de 2018.